



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE  
(PROFLETRAS)  
UNIDADE DE ITABAIANA**

ALEXANDRA CARDOSO DA SILVA DUARTE

**OFICINAS DE LEITURA LITERÁRIA A PARTIR DE “OS  
SERTÕES”, DE EUCLIDES DA CUNHA**

ITABAIANA 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE (PROFLETRAS)  
UNIDADE DE ITABAIANA

**ALEXANDRA CARDOSO DA SILVA DUARTE**

**OFICINAS DE LEITURA LITERÁRIA A PARTIR DE “OS  
SERTÕES”, DE EUCLIDES DA CUNHA**

Relatório e tutorial do Trabalho de Conclusão Final (TCF) apresentada ao PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE (PROFLETRAS) – UNIDADE DE ITABAIANA - da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito necessário para a obtenção de título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Magno Santos Gomes

ITABAIANA 2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR ALBERTO CARVALHO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

D812o Duarte, Alexandra Cardoso da Silva

Oficinas de leitura literária a partir de “Os sertões”, de Euclides da  
Cunha / Alexandra Cardoso da Silva Duarte; orientador: Carlos Magno  
Santos Gomes. – Itabaiana, 2019.  
76 f.; il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade  
Federal de Sergipe, 2019.

1. Livro e leitura. 2. Leitura e ensino. 3. Compreensão na literatura.
4. Literatura brasileira. I. Gomes, Carlos Magno Santos. II. Título.

CDU 81'42

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Carlos Magno Santos Gomes – Presidente

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva – Membro externa

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Christina Bielinsky Ramalho – Membro interna

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho aos meus pais, minhas Marias (filhas), esposo, alunos e alunas por terem acreditado que a concretização de mais essa etapa fosse alcançada.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem Ele teria sido impossível superar todos os obstáculos presentes nessa doce e árdua trajetória.

Ao meu esposo, pela parceria estabelecida, pelas madrugadas nas BRs, indo me levar e me buscar, por ter deixado de lado os seus projetos para que eu pudesse viver o meu sonho de ser mestra.

As minhas filhas, Maria Valentina e Maria Catarina, minhas fontes de inspiração, sem elas nada disso faria sentido, agradeço pela força que elas conseguiam transmitir pelo brilho dos olhos a cada vez que eu saía.

Aos meus pais, por mesmo sem entender direito o que é um mestrado, terem torcido e dado o apoio necessário para que fosse possível a conclusão.

Aos meus irmãos, pela torcida de sempre, em especial a Janaina, pelas hospedagens em Paripiranga e por me socorrer nas horas de aflição.

Ao meu eterno presidente, Luís Inácio Lula da Silva, por ter construído uma política sólida de educação de nível superior que permitisse que eu e tantos outros filhos de operários e donas de casa ocupassem os bancos das universidades públicas deste país.

Aos meus companheiros da APLB Sindicato Núcleo Monte Santo, pela energia positiva e por viverem a concretização desse sonho comigo. Em especial meu companheiro de luta, Valfredo Francisco.

A APLB Sindicato, por me inserir numa luta viva e permanente razão principal do tema escolhido para esta pesquisa.

Aos meus alunos por terem participado tão ativamente e com tanto carinho das atividades desenvolvidas na escola.

Aos meus colegas de turma, pelas caronas, pelo apoio, e principalmente por terem acreditado que esse sonho seria possível. E, especialmente, a minha colega de quarto e de todas as horas, Joseneide, sem ela essa caminhada teria sido ainda mais difícil.

As minhas colegas de câmpus e amigas, Suzete, Joelma e Débora, pelas caronas e por todo carinho que tiveram comigo no início desse percurso.

A minha grande amiga, Simone Conceição, pela torcida e por ter me apresentado o caminho da pesquisa de forma suave e inspiradora.

Aos meus amigos e colegas, Professor Raimundinho Venâncio, Professor Ivan Santanna e Professor Danilo Rangell, por toda a biografia emprestada e pela atenção dada a minha pesquisa.

Ao meu ex-aluno e colega Professor Eduardo Tolentino, pela grande contribuição dada a minha pesquisa e pelo seu comprometimento inspirador com a história de Monte Santo.

Ao poeta José Gonçalves, por ter me apresentado Canudos de um ângulo muito mais bonito. Seu amor pela literatura é inspirador.

Ao meu orientador Carlos Magno, pela paciência e pela orientação dada na construção e concretização deste trabalho.

E, por fim, à Capes, pelo financiamento da pesquisa.

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCF) está composto de um relatório e de um tutorial de leitura literária. O presente trabalho visa contribuir para o ensino de leitura literária, a partir de uma perspectiva cultural que reconheça as particularidades das identidades da obra e do leitor. Nesse sentido, o trabalho pretende ampliar o ensino de literatura na escola, aliando-o à multimodalidade, elaborando uma prática que incorpore os preceitos do letramento digital. Este projeto foi desenvolvido com alunos do nono ano do ensino fundamental, séries finais, de uma escola municipal, situada na zona urbana da cidade de Monte Santo – BA. Como *corpus* da pesquisa, foi selecionado o capítulo *A luta*, de *Os sertões*, para uma abordagem de leitura cultural e estética, tendo como proposta central, a de construir um tutorial de leitura literária que configure em um instrumento que permita a leitura do texto literário, contemplando a multimodalidade, presente na perspectiva dos multiletramentos de Roxane Rojo (2012) e o letramento digital de Freitas (2010). O tutorial foi desenvolvido, mesclando a narrativa de Euclides da Cunha com o HQ, imagens e opções de vídeo sobre a obra. A análise do texto literário será feita com base no modelo cultural de leitura de Carlos Gomes (2012) que privilegia a formação de um leitor crítico e suas heranças culturais, e de leitura subjetiva de Annie Rouxel (2013) que trata da importância da experiência estética na formação do leitor. O trabalho traz em sua composição oficinas literárias que estão divididas em três etapas: memórias que tem como objetivo discutir quais memórias os alunos têm acerca da Guerra de Canudos; multiletramentos que pretende apresentar outras possibilidades de trabalhar com a narrativa de *Os sertões*; modelo cultural de leitura que faz uma releitura das representações da Guerra de Canudos, a partir da intersecção entre o estético e o político e promove uma leitura crítica do que levou e manteve o combate em Canudos. Em seguida temos um tutorial que traz um roteiro de leitura da parte *A luta* da obra *Os sertões* e instruções para a montagem de uma oficina de leitura literária que tem como enfoque as expedições a Canudos.

**Palavras-chaves:** letramento digital, leitura cultural, leitura subjetiva, multimodalidade, *Os sertões*.



## ABSTRACT

This Course Completion Work is composed of a report and a literary reading tutorial. This work aims to contribute to the teaching of literary reading, from a cultural perspective that recognizes the particularities of the identities of the work and the reader. In this sense, the work intends to expand the teaching of literature at school, allying it to multimodality, developing a practice that incorporates the precepts of digital literacy. This project was developed with ninth grade students from a municipal school, located in the urban area of Monte Santo - BA. As a corpus of the research, was selected the chapter The struggle, of *Os sertões*, for an approach of cultural and aesthetic reading, having as central proposal, to build a tutorial of literary reading that configure in an instrument that allows the reading of the literary text, contemplating the multimodality, present in the perspective of the multiletramentos of Roxane Rojo (2012) and the digital literacy of Freitas (2010). The tutorial was developed, mixing the narrative of Euclides da Cunha with the comic book, images and video options about the work. The analysis of the literary text will be based on the cultural model of reading by Carlos Gomes (2012) which privileges the training of a critical reader and his cultural heritage, and subjective reading by Annie Rouxel (2013) which deals with the importance of aesthetic experience in the training of the reader. The work brings in its composition literary workshops that are divided into three stages: memories that aim to discuss what minorities students have about the Canudos War; multiletramentos that intends to present other possibilities to work with the narrative of The Sertões; cultural model of reading that makes a re-reading of the representations of the Canudos War, from the intersection between the aesthetic and the political and promotes a critical reading of what led and maintained the fight in Canudos. Following is a tutorial that includes a reading script from the part *The Struggle of the Work The Backlands* and instructions for setting up a literary reading workshop that focuses on expeditions to Canudos.

Keywords: digital literacy, cultural reading, subjective reading, multimodality, The backlands.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
I - A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA .....	17
Leitura literária e multiletramentos.....	19
II - ABORDAGENS MULTIMODAIS PARA A LEITURA DE <i>OS SERTÕES</i> .....	23
A leitura cultural.....	28
Proposta didática .....	32
3. DESCRIÇÃO DAS OFICINAS: LENDO <i>OS SERTÕES</i> .....	35
Abordagem metodológica e a comunidade escolar .....	35
A proposta de intervenção: oficinas de leitura .....	38
Oficinas de prática de leitura literária.....	41
Oficina 01 – Memórias do leitor.....	42
Oficina 02 – Multiletramentos .....	43
Oficina 03 - Leitura cultural.....	43
IV - ANÁLISE DOS RESULTADOS .....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	68
REFERÊNCIAS .....	71

## INTRODUÇÃO

O ato de ler representa uma das boas vias para se entender a realidade. Por isso, ler consiste em um processo de representação do mundo por meio das palavras. Partindo dessa premissa, destacamos a relevância do processo da leitura na construção cultural e identitária do indivíduo, tendo em vista que é pela leitura que conhecemos o mundo e que passamos a interagir com o outro, construindo a nossa identidade a partir dessa relação.

Nesse sentido, percebemos que no cenário atual o texto adquiriu outras tarefas. Uma delas foi deixar de ser apenas informativo e assumir o papel de ler também o mundo. Assim, o leitor diante de um texto, desempenha uma função ativa na construção do sentido, já que cabe ao autor apenas sinalizar o caminho que deve ser seguido. Roger Chartier destaca que “ler é sempre apropriação, invenção, produção de significados” (1998, p. 77).

É nessa perspectiva que este trabalho pretende abordar o conceito de leitura pela interação advinda do diálogo entre o leitor e o autor, intermediado pelo texto escrito. Pretendemos trabalhar a leitura a partir de uma perspectiva política e social que considere a atuação do cidadão permitindo a compreensão do mundo a sua volta.

Dessa forma, o Mestrado Profissional em Rede em Letras – PROFLETRAS – que tem como proposta formar professores para proporcionar um ensino melhor e mais condizente com as atuais propostas para a aula de língua portuguesa, instrumentalizando-os alicerçado na oferta de conhecimento teórico e metodológico com vistas a atender os desafios atuais dos processos de ensino e aprendizagem. Assim, tivemos com o PROFLETRAS a oportunidade de aprimorar as nossas metodologias de trabalho para trazer para a sala de aula novas formas de abordagem da língua e do texto literário.

Assim, percebemos que o mestrado está vinculado a um processo de aprimoramento da qualidade da educação do nosso país, visto que, está preocupado com formação e valorização dos professores de forma integrada com alunos e, por conseguinte, com as instituições de ensino. Nesse sentido, a pesquisa desenvolvida e apresentada neste trabalho de conclusão tem a intenção de promover uma nova abordagem de trabalho com o texto literário, para que a escola tenha a oportunidade de desenvolver com qualidade conhecimentos, habilidades e competências leitoras que discutam as questões ideológicas impregnadas na sociedade.

Contudo, a minha trajetória profissional e acadêmica também foi responsável pela escolha do tema e o desenvolvimento da pesquisa. Em 2008, comecei a lecionar as

disciplinas de língua portuguesa e redação como professora efetiva da rede municipal de Monte Santo, na educação básica – sexto ano ao nono ano do ensino fundamental; lectionei como professora contratada da Rede Estadual de Educação do Estado da Bahia de 2004 a 2017. Atualmente, continuo como professora da rede municipal e atuo como Coordenadora Pedagógica da Rede Estadual da Bahia. Trabalho também como professora da rede particular de ensino superior, nos colegiados de letras e pedagogia, desde 2013.

A minha experiência como professora de língua portuguesa nos diferentes níveis de ensino me fez perceber que, por muitas vezes, as nossas práticas pedagógicas não condizem com as relações sociais atuais. Essa situação sempre me causou muita inquietação, mas o fato de estar na universidade contribuía cada vez mais para a melhoria destas práticas.

Neste sentido, torna-se importante destacar que o ensino de literatura, numa perspectiva ideológica e cultural, faz parte da minha trajetória, enquanto pesquisadora da área desde a graduação em letras, iniciada em 2005 e concluída em 2009 pela Universidade do Estado da Bahia. Comecei a minha pesquisa em 2008, intitulada “Um olhar sobre o negro em *Os sertões*” sob orientação da Professora Doutora Léa Costa Santana Dias, a qual possui uma longa trajetória com literatura e cultura, tendo como *corpus* da maioria de suas pesquisas a obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Através da Universidade do Estado da Bahia, participei do projeto de pesquisa intitulado “A caminho do sertão de Canudos”, que me aproximou ainda mais deste tema.

No ano de 2013, fiz uma especialização em educação a distância pela mesma instituição, que tinha como proposta instrumentalizar os professores para o trabalho com as NTDICs – Novas Tecnologias da Informação e Comunicação, então foi a partir daí que me interessei pelo letramento digital. Meu trabalho de conclusão da especialização versou sobre o letramento digital, “Leitura e Tecnologia: o uso do suporte digital na perspectiva de motivar práticas leitoras na Escola São José no Povoado de Genipapo de Baixo na cidade de Monte Santo” orientado pelo Professor Doutor Roberto Henrique Seidel.

Após a obtenção do título de especialista, ingressei no mestrado em 2017, com o objetivo de dar continuidade as minhas pesquisas, unindo o ensino de literatura numa perspectiva cultural com o letramento digital tendo como objeto a obra *Os sertões*, por fazer parte da história e da memória cultural da cidade de Monte Santo e assim poder proporcionar aos meus alunos aulas mais atraentes e condizentes com o universo deles, bem como poder contribuir com a formação leitora do texto literário com foco na leitura cultural.

Para isso, a pesquisa desenvolvida ao longo deste mestrado está embasada nas novas concepções sobre o ensino de literatura, letramento digital e a multimodalidade na 12

perspectiva dos multiletramentos, além de trazer um produto didático de leitura de textos literários: O tutorial de leitura literária de *Os sertões*.

Trabalhar com *Os Sertões* partiu da necessidade de resgatar fatos ocorridos durante a Guerra de Canudos que deixou consequências marcantes na história do povo da região. Diante disso, escolhemos como ambientação da pesquisa uma escola presente na região que ocorreu o fato com vistas a atualizar estes acontecimentos e convidar os jovens para discutirem as consequências ideológicas da Guerra de Canudos na vida deles.

A narrativa de *Os sertões* é muito complexa, pois além de longa é também densa, possui uma linguagem de pouco acesso. Pensando nisso, durante a pesquisa usamos diferentes tipos de textos e vários recursos audiovisuais presentes na rede que resgatam a narrativa de Euclides da Cunha.

Ao seguirmos essa linha teórica, a referida pesquisa selecionou o capítulo *A luta*, que narra as quatro expedições ocorridas durante a Guerra de Canudos, no intuito de criarmos estratégias pedagógicas para que o professor trabalhe com esse texto em sala de aula e envolva os alunos em uma prática de leitura que esteja relacionada com os aspectos ideológicos e culturais da cidade onde vivem, motivando-os através das heranças culturais repensar os valores ideológicos construídos ao longo do tempo.

Este trabalho pretende, pelo ensino de leitura do texto literário, a partir da intersecção entre o estético e o político, promover uma leitura crítica da obra *Os sertões*, com vistas a discutir a construção da identidade do sertanejo na narrativa euclidiana, que ora é reconhecido como bravo herói, ora como ser bárbaro e perverso.

Os trechos selecionados do livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha, e a obra em HQ, *Os sertões: a luta/ Euclides da Cunha*: adaptações de Carlos Ferreira (roteiro) e Rodrigo Rosa (ilustração) que narra em quadrinhos o capítulo *A luta*, da referida obra, servirão como ponto de partida para professores que queiram preparar aulas cujo objetivo seja ampliar o horizonte de expectativas dos alunos. Soma-se a isso o fato de se levar em consideração as heranças culturais dos discentes, valorizando suas opiniões para ajudar na reflexão acerca das consequências ideológicas da Guerra de Canudos na região.

É importante também destacar que o presente trabalho utiliza como suporte teórico, as concepções acerca dos multiletramentos de autoria de Rojo (2012) que propõe um saber produzido de forma multimodal, fazendo uso das letras, imagem, som, interatividade, valorizando habilidades não lineares e reconhecendo a diversidade local.

Faremos uso também do letramento digital de Freitas (2010) que consiste em fazer uso social da leitura e da escrita presente no ciberespaço. Entendendo que o público-alvo está 13

imerso no mundo digital, consideramos que fazer uso das novas tecnologias pode ser um importante aliado nessa empreitada.

Compreendemos que ler não é uma tarefa fácil, pois exige decodificação, interpretação, compreensão, contextualização. Diante do exposto, vinculamos também a este trabalho o conceito de letramento, de Magda Soares (2003), que trata a leitura como prática social e o letramento literário, de Rildo Cosson (2018), que discute a função social da leitura literária, sobretudo nas escolas.

Nesse sentido, sabemos que a escola vem negligenciando a importância das variadas formas de interpretação de textos. A aula de língua portuguesa ainda se pauta em conceitos gramaticais que se encontram longe da realidade da vida dos alunos. Além disso, o ensino de literatura, principal foco a ser trabalhado nessa pesquisa, no ensino fundamental praticamente inexistente e no ensino médio se restringe ao estudo das escolas literárias.

Ante o exposto, este trabalho evidencia a importância de pensar em um ensino de literatura nas escolas, ancorado no conceito de leitura subjetiva, com intuito de refletir sobre o tipo de sujeito leitor que se pretende formar, uma vez que se trata da “formação de uma personalidade sensível e inteligente, aberta aos outros e ao mundo que esse ensino de literatura vislumbra” (ROUXEL, 2013, p. 20).

Tendo em vista, que os fatos são trazidos com base na narrativa da Guerra de Canudos e que a cidade de Monte Santo sediou a segunda base de operações militares da referida guerra, essa obra tem um papel significativo na história desse povo. Além disso, vários documentos foram produzidos sobre a Guerra de Canudos, muitos deles, a partir da obra de Euclides da Cunha e outros que vão de encontro a versão contada pelo autor. Para além disso, a cidade vive até hoje as consequências deste acontecimento histórico, assim, é oportuno que seja discutida a formação do leitor dessa obra de capital importância para o cenário político, histórico e literário do país.

Assim posto, pretendemos também evidenciar o modelo cultural de leitura de Gomes “que propõe uma leitura revisionista que atualize os significados dos textos” (2012 p.170), entendendo que “o texto necessita de uma interpretação dos significantes como parte de uma sociedade e relacione o texto lido a suas heranças culturais” (GOMES, 2012, 177).

Dessa forma, estaremos atentos acerca de como isso foi construído no imaginário coletivo dos habitantes de Monte Santo e se condizem com as materializações culturais presentes nas praças, museus e órgãos públicos da cidade. “Daí a importância de um modelo cultural de leitura que valorize a revisão do passado cultural, visto que o leitor crítico é um coautor, um invasor com sua imaginação e experiência”. (GOMES, 2012, 174).

Este trabalho ressalta o espaço escolar como um importante aliado para que se estabeleçam diálogos a respeito das questões sociais, através do texto literário, pois no universo da escola, convivemos com diferentes pensamentos formados tomando como base diferentes identidades que constituem em ideologias. Assim, presumimos que o trabalho com esta obra possa promover reflexões acerca das condições sociais do povo nordestino, a partir das consequências ideológicas da Guerra de Canudos para Monte Santo e região.

Considerando a escola como um relevante espaço de construção de saber dos nossos jovens, o lugar escolhido para a coleta de dados desta pesquisa foi uma escola da rede municipal de ensino, localizada na zona urbana da cidade de Monte Santo/Bahia. Apesar de estar situada na sede do município, uma quantidade significativa do corpo discente é oriunda da zona rural do município.

A referida escola conta com profissionais do quadro efetivo, todos com formação acadêmica em suas respectivas áreas. Todavia, não apresenta bons índices de proficiência dos alunos em leitura, fato este que os professores atribuem à má qualidade de ensino das séries iniciais. Inclusive, com o objetivo de sanar este problema, tem-se investido em programas, a exemplo do PNAIC – Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa. Entretanto, o município não consegue atender requisitos mínimos, como o cumprimento dos 200 dias letivos, o que tem acarretado inúmeros prejuízos ao desenvolvimento da educação de Monte Santo, revelados no IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação.

Faz-se necessário mencionar que o referido trabalho está estruturado em dois capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “Reflexões conceituais sobre a leitura literária na escola” trata das principais teorias sobre leitura e a importância da formação do leitor por meio do texto literário na escola. Neste capítulo, são feitas abordagens acerca da leitura de mundo anunciada por Paulo Freire (1981) e defendida por Marisa Lajolo (2002). Abordamos também o conceito de letramento apresentado por Magda Soares (2003) e ampliamos este conceito a partir de Roxane Rojo (2012) com a teoria dos multiletramentos com vistas a apresentar formas de trabalhar a leitura que vão além da decodificação dos textos e que sejam capazes de envolver os alunos em universo leitor que considere a diversidade presente nos textos. Considerando que os alunos estão emergidos em um universo digital, discutimos também, neste capítulo, o conceito de letramento digital conceituado por Souza (2007).

O segundo capítulo, cujo título é “As principais abordagens do ensino de literatura para as séries finais do ensino fundamental a partir da obra *Os sertões*”, trata de algumas possibilidades metodológicas para o ensino de literatura com o objetivo de tornar o ensino 15

da leitura literária uma atividade relacionada à realidade social e cultural dos alunos. Para isso, o capítulo traz um subcapítulo intitulado “ A leitura cultural” que visa discutir a obra *Os sertões*, sob a ótica da leitura subjetiva e do modelo cultural de leitura, respectivamente, de Rouxel (2013) e Gomes (2012) para entender como os alunos têm interpretado a passagem das quatro expedições, as vitórias e derrotas dos sertanejos, e quais as heranças culturais que eles têm desse episódio histórico da cidade de Monte Santo.

O terceiro e último capítulo, que tem como título “Oficinas de leitura literária”, apresenta três oficinas: memórias, multiletramentos e modelo cultural numa perspectiva integradora de ensino de literatura leitura voltada para as questões culturais e ideológicas sugerida para o trabalho em sala de aula por esta pesquisa. Soma-se a isso as análises e resultados obtidos com a aplicação das referidas oficinas. Este capítulo mostra, através da análise dos dados, os posicionamentos dos alunos que compõem o *corpus* desta pesquisa somado a todos as reflexões que os alunos fizeram acerca do seu lugar, da sua identidade, a partir dos textos selecionados e os debates promovidos em sala de aula.

A presente pesquisa utilizou a metodologia da pesquisa-ação, que tem caráter qualitativo e colaborativo e, segundo Thiollent, tem cunho social por manter estreita associação com a realidade para promover a cooperação e a participação aos envolvidos da situação. Então, a pesquisa desenvolvida e descrita neste trabalho busca, além do ensino e estímulo à leitura do texto literário, a promoção do diálogo e do respeito pelas identidades culturais. (1985, p.83)

Desse modo, o trabalho desenvolvido neste curso de mestrado, portanto, pode levar os alunos a perceber a importância da leitura do texto literário em sala de aula. Além disso, ela contribui de forma positiva para que eles reflitam, no espaço escolar, sobre as consequências ideológicas deixadas pelo massacre de Canudos, pois a escola precisa fazer com que os discentes observem e construam um pensamento crítico em relação às contradições e os estereótipos perpetuados e naturalizados ao longo do tempo acerca da construção das identidades.

O próximo tópico desse trabalho é constituído pelo primeiro capítulo, que trará em seu bojo as concepções sobre a leitura, letramento literário, multiletramentos e o letramento digital com vistas a contribuir com uma prática de leitura literária que a partir da perspectiva cultural reconheça as particularidades das identidades da obra e do leitor, especificamente, os aspectos históricos e regionais.



## **I - A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA**

O ato de ler é imprescindível ao indivíduo, pois proporciona a inserção dele na sociedade contemporânea e o caracteriza como cidadão participante; permite a descoberta do mundo da leitura, um mundo totalmente novo e fascinante.

O valor da leitura se assevera na medida em que se faz presente na vida humana, permitindo a compreensão do mundo a sua volta. Ao passo que sentimos a necessidade de decifrar e interpretar o sentido das coisas que nos cercam, de perceber o mundo sob diversos pontos de vista, de relacionar a realidade com a ficção, de ter “percepção crítica, interpretação e “reescrita” do lido” (FREIRE, 1981, p. 95), estamos concretizando a importância do ato de ler.

Desta forma, dentre as várias teorias da leitura, iniciamos, destacando a leitura de mundo, anunciada desde cedo por Paulo Freire, que acreditava que “ler, não é caminhar sobre as letras, mas interpretar o mundo e poder lançar sua palavra sobre ele, inferir no mundo pela ação” (FREIRE, 1989, p. 23) reverenciada por Lajolo que defende que “lê-se para entender o mundo, para viver melhor”. (LAJOLO, 2002, p. 59).

Assim posto, percebemos que a leitura nos insere em um mundo mais vasto de conhecimentos e significados que nos habilita a decifrá-lo, assim, saber ler “lê dá acesso a uma ferramenta poderosa para construir, negociar e interpretar a vida e o mundo em que vive”. (COSSON, 2018, p. 33).

Contudo, precisamos considerar que ler também engloba outros elementos. Rildo Cosson, ao considerar que ler é: ouvir o autor, analisar o texto, construir o sentido do texto, compartilhar os sentidos de uma sociedade, inaugura o circuito de leitura que envolve quatro elementos; autor, texto, leitor e contexto, defendendo a teoria que toma a leitura como um diálogo e conclui:

O diálogo da leitura implica ouvir o autor para entender o texto, construir o sentido do texto porque se compartilha os sentidos de uma sociedade, ou construir o sentido do texto ouvindo o autor e compartilhando os sentidos de uma sociedade no entendimento do texto. (COSSON, 2018, p. 41)

Para continuar com essa discussão, suscitaremos a vinculação do conceito de leitura ao processo de letramento, que atenta para o fato de que o indivíduo pode não saber ler e escrever, porém está em constante diálogo com o mundo da escrita e da leitura (SOARES, 2003). “Trata-se não da aquisição da habilidade de ler e escrever, como concebemos

usualmente a alfabetização, mas sim da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a ela relacionadas”. (COSSON, 2018, p. 41)

Partindo desta prerrogativa tem-se a concepção de letramento numa perspectiva que a difere da concepção de alfabetização, assim, tendo claros os processos educativos de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, voltados seja para criança, seja para adultos, torna-se importante desenvolver um trabalho com leitura a partir da clara concepção desses fenômenos e de suas diferentes relações. (SOARES, 2003)

Quando pensamos em leitura e letramento, remetemo-nos com facilidade ao conceito de letramento literário o que nos permite discutir a importância da leitura literária e a sua função social, bem como uma reflexão sobre o ensino de literatura nas escolas.

Ensinar literatura nas escolas tem sido um enorme desafio para a educação básica. Nota-se que o surgimento das novas mídias, sobretudo as digitais, modificou a forma de lidar com os textos literários, uma vez que a leitura desenvolvida em suportes virtuais apresenta uma dinâmica que atrai o público, principalmente o discente que tem a necessidade de ser primeiramente atraído pelo texto, através de ilustrações e ou sonoridade (RAMAL, 2002).

No entanto, a maioria dos textos literários trabalhados nas escolas não são apresentados em suportes virtuais, logo, não possui o dinamismo que as telas proporcionam. Partindo dessa premissa, em seu livro *Os desafios da Escrita*, Roger Chartier enfatiza que “a morte do leitor e o desaparecimento da leitura são pensados como a consequência inelutável da civilização da tela, do triunfo das imagens e da comunicação eletrônica” (CHARTIER, 2002, p. 105).

Diante do contexto, entendemos que a escola precisa se reinventar e buscar soluções para que o ensino de literatura seja eficaz no cenário atual. Estas pesquisas têm apresentado formas dinâmicas de trabalhar com o texto literário, dentre eles, destacamos, o letramento literário de Rildo Cosson (2018), o letramento digital de Freitas (2010) e o multiletramento de Roxane Rojo (2014).

Rildo Cosson, em sua obra *Letramento literário teoria e prática*, destaca a forma como é feita a escolha das obras literárias nas escolas que, segundo o autor, vão desde os ditames do programa, ilegibilidade dos textos, as condições oferecidas para a leitura literária na escola e o cabedal de leituras do professor, sendo que as escolhas não atuam isoladamente, ao contrário, combinam-se de diferentes formas. (COSSON, 2018).

Não obstante, o autor ainda apresenta o conflito existente entre a escolha do cânone e a adoção das obras contemporâneas. Tendo em vista, a importância de ambas, percebemos que um dos desafios do ensino de literatura nas escolas esteja justamente no trato dessas 18

preferências que acabam anulando uma em detrimento da outra, o que na prática para o ensino de literatura implica em abdicar da herança cultural trazida pelos cânones literários ou impedir a escola de vivenciar novas influências literárias.

Percebe-se que a literatura precisa ser vista como um sistema composto de outros tantos sistemas, assim posto, passa a ser de responsabilidade das escolas “investir na leitura desses vários sistemas até para compreender como o discurso literário articula a pluralidade da língua e da cultura” (COSSON, 2018, p. 34)

Dessa forma, é preciso que as escolas se preocupem mais com a escolha dos textos e as obras que serão trabalhados, fazendo este processo de forma planejada para que não se configure extensivo no ensino fundamental, bem como não englobar qualquer texto escrito que apresente parentesco com ficção ou poesia. E no ensino médio não se limitar apenas aos estudos das escolas literárias, privilegiando outras discussões, sobretudo, as ideológicas e culturais. (COSSON, 2018).

Não obstante, embora as escolhas dos textos sejam importantes, faz-se necessária também uma reflexão acerca das escolhas didáticas e pedagógicas do professor na condução desse processo. Tendo em vista que o professor, sendo o mediador desse processo na sala de aula, torna-se responsável pela criação de condições para que exista uma relação entre leitura e texto.

### **Leitura literária e multiletramentos**

Nesse sentido, compreendendo as mudanças pelas quais o mundo passou na hipermodernidade, sobretudo, nas maneiras de participação e interação social e, conseqüentemente, nas formas de enunciar os textos, é que entendemos a necessidade de incluir neste debate as novas tecnologias digitais de informação e comunicação (NTDICS) e suas relações com a escola contemporânea, em especial, no ensino de leitura literário.

Concebendo que o ato de ler constitui-se em, principalmente, estabelecer conexões, compreendemos que a partir do advento das novas tecnologias digitais de informação e comunicação (NTDICS) tornou-se indispensável ler bem, rápido e de maneira crítica. Assim, faz-se necessário considerar as novas formas de realização dessa leitura, sobretudo, a leitura dos textos em tela, a partir dos suportes virtuais, entendendo que

ainda, o próprio processo de construção do sentido (...) desfaz o elo imediatamente visível que une o texto e o objeto que o contém e porque proporciona ao leitor e não mais ao autor ou ao editor, o domínio da composição, o recorte e a própria aparência das unidades textuais que ele deseja ler (CHARTIER, 2002, p.102).

Diante disso, é importante pensar novas formas de aprendizagem que contemplem o conceito de multiletramento, que contribuam também com a forma de ler, considerando a leitura descontínua, interativa, hipertextual e tematizada, que poderá contribuir de forma significativa no que tange ao ensino da literatura. Conforme aponta Roxane Rojo

Em qualquer dos sentidos da palavra “multiletramentos” – no sentido da diversidade cultural de produção e circulação dos textos ou no sentido da diversidade de linguagens que os constituem –, os estudos são recorrentes em apontar para eles algumas características consideradas importantes: eles são interativos; mais que isso, eles são colaborativos; eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos (verbais ou não); eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas) (ROJO, 2012, p. 09 ).

É preciso considerar que a escola, juntamente com os professores, cumpra um papel fundamental para trabalhar essa capacidade. Para tanto, sempre terá de agregar à prática a necessidade de pensar como algo está dito e admitir que o mundo traduzido em palavras tem versões intencionais e efeitos sobre os outros. Nada disso será possível se a escola não participar de uma comunidade de leitores e escritores digitais e no papel.

Assim, a escola deve se orientar especialmente por esse propósito de conscientização sobre o poder das palavras e, atualmente, de maneira mais contundente que em outros tempos, do poder das imagens e da combinação de ambas.

Embasada por Souza, Cesarini apresenta as diferentes definições de letramento digital, classificando-as em dois tipos: definições restritas e amplas, sendo que as restritas não consideram o contexto sociocultural, histórico e político que envolve o processo de letramento digital, e a segunda define letramento digital como “uma série de habilidades que requer dos indivíduos reconhecer quando a informação faz-se necessária, e ter a habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a informação necessária” (CESARINI, 2004, *apud* por SOUZA, 2007, p. 57).

O autor ainda sugere a proficiência em quatro competências básicas para a aquisição de letramento digital. A mais essencial delas é a avaliação crítica de conteúdo, ou seja, a habilidade de julgar o que encontramos na rede. A segunda competência é a de ler usando o modelo não linear ou hipertextual.

Dessa forma, faz-se necessário aprender como associar as informações dessas diferentes fontes, isto é, a construção de conhecimento diante da internet, levando em consideração a hipótese de que o hipertexto favorece a leitura em função de sua característica não linear e não hierarquizada, similar ao pensamento humano e condizente com a prática leitora da maioria dos jovens matriculados nas escolas.

Lankshear e Knobel (2005 *apud* por SOUZA, 2007) criticam a visão de letramento digital como uma série idealizada de competências e habilidades específicas, algo único e mensurável. A proposta deles baseia-se na ideia de plural, ou seja, de “letramentos digitais” e ao corroborar com a ideia percebe-se que a autora Magda Soares sugere que se “pluralize a palavra letramento e se reconheça que diferentes tecnologias de escrita criam diferentes letramentos” (SOARES, 2002, p. 155).

Nesse sentido, no que concerne à formação de professores diante do letramento digital, a autora aponta que é necessário ter professores e alunos que sejam letrados digitais, isto é, professores e alunos que se apropriam crítica e criativamente da tecnologia, dando-lhe significados e funções, em vez de consumi-la passivamente.

Essa preocupação se torna pertinente visto que a autora, ao analisar os currículos de universidades que tratam da formação de professores, percebeu que não há preocupação com o letramento digital especificamente; identificou também que os alunos de universidades não utilizam computadores em suas faculdades, por sua inexistência, por não estarem disponíveis ou porque consideram que o curso não necessita desses tipos de recursos.

O texto traz à tona uma discussão importante que suscita um excelente debate acerca do novo papel do professor, ou seja, o professor como um orientador das discussões travadas em sala de aula, fato decorrido de uma das características do letramento digital: associar informações, ter uma perspectiva crítica diante delas, transformando-as em conhecimento que o torna parte inerente e necessária a todo esse processo de mediador e “problematizador” do conhecimento, um professor que também aprende com o aluno.

Assim compreendido, esse professor pode se apropriar do hipertexto que, segundo Lévy, pressupõe a participação ativa do beneficiário de uma transação de informação; a reapropriação e recombinação do material utilizado; além da interrupção e reorientação do fluxo informacional em tempo real. (2010, p. 59)

Desta forma, o professor trará para sua metodologia a perspectiva da interatividade onde o suporte informacional dispõe de flexibilidade e disponibiliza disposições para a intervenção do usuário, no caso em questão, aluno e professor intervindo mutuamente na construção do saber.

Entendendo que a multimodalidade e o letramento digital, a partir do hipertexto, favorecem a leitura literária na escola em função de sua característica não linear e não hierarquizada, similar ao pensamento humano e condizente com a prática leitora da maioria dos jovens matriculados nas séries finais do ensino fundamental.

Além disso, faz-se necessário considerar que a quantidade de pessoas que passou a utilizar as recém-inventadas tecnologias tem incontestavelmente aumentado no Brasil e no mundo, fruto da ampliação das formas de comunicação nas relações pessoais e profissionais trazidas pelos dispositivos tecnológicos que têm seduzido mais e mais indivíduos a adotá-los definitivamente em seu *modus vivendi*. (XAVIER, 2013, p.27).

Nesse sentido, a escola precisa estar atenta aos novos sentidos empregados no suporte da tela, uma vez que eles requisitam a ampliação do conceito de leitura e a preparação do leitor para os desafios da multimodalidade. Como já alertava Chartier, “é a concepção do texto que vai ser modificada e que carregará, desde o momento do processo de criação, os vestígios dos usos e interpretações permitidos pelas suas diferentes formas” (1998, p.72).

Desse modo, Freitas destaca o papel do professor na contemporaneidade como formador de novos docentes, que terão como alunos nativos digitais. Formação que deve ter a ancoragem consistente na epistemologia do conhecimento, compreendendo-o como algo provisório e transitório, mas que tem regras e rigor. Assim, espera-se que, nessa era da internet, o professor possa fazer de sua sala de aula um espaço de construções coletivas e de aprendizagens compartilhadas. (FREITAS, 2010).

A proposta de leitura apresentada nesta pesquisa tem como propósito repensar o ensino de literatura nas escolas, com foco nas séries finais do ensino fundamental. Pretendemos contribuir com a formação de leitores literários críticos e capazes de intervir no meio onde vivem. Para a recepção desse texto e a sustentação da metodologia proposta, faremos uma reflexão acerca de algumas abordagens do ensino de literatura para *Os sertões*. Entretanto, a nossa proposta será sustentada na estética da recepção de Rouxel (2013) e do leitor cultural de Carlos Gomes (2012).

## II - ABORDAGENS MULTIMODAIS PARA A LEITURA DE *OS SERTÕES*

Este segmento vai apresentar uma proposta multimodal de *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Por se tratar de um texto denso e de uma linguagem complexa, faremos um recorte e usaremos o capítulo *A luta*, dando ênfase às quatro expedições. Para facilitar a compreensão vamos trabalhar com a versão em HQ, *Os sertões, A luta*, de Carlos Ferreira e Rodrigo Rosa.

Propor a leitura desse clássico, especificamente o capítulo *A luta*, torna-se importante, porque esta obra carrega na sua historiografia aspectos relevantes para a formação histórica, social e cultural de Monte Santo, uma vez que a cidade ao servir de quartel general da Guerra de Canudos se inseriu definitivamente no cenário que marcou esse embate no sertão.

Entretanto, embora a obra tenha capital importância para a formação histórica da cidade, não está inserida no currículo escolar do ensino fundamental, sendo apresentada apenas no ensino médio como exemplo de obras literárias do pré-modernismo.

Destarte, pretendemos a partir deste trabalho, discutir algumas possibilidades metodológicas de ensino de literatura. Conforme, bem pontuou Cereja, todas as opções metodológicas de ensino de literatura apresentam vantagens e desvantagens. Portanto, é importante buscar a proposta mais pertinente a cada escola e a cada projeto pedagógico, considerando o corpo de professores e de alunos, bem como as propostas oficiais de ensino. (CEREJA, 2005 p. 28).

O autor destaca ainda que há várias possibilidades de se trabalhar a literatura na escola. Uma delas é organizar o curso em grandes unidades temáticas. Entretanto, ele aponta que a dificuldade desse tipo de proposta reside na falta de domínio, por parte do aluno, de um conhecimento mais amplo a respeito do autor, do movimento literário e da época em que o texto foi produzido.

Nesse processo, alguns fatores podem comprometer o grau de profundidade da abordagem do texto, uma vez que, “na passagem da função didática para a estética, o texto promove ao leitor a iniciativa interpretativa, embora costume ser interpretado com uma margem suficiente de univocidade. Todo texto quer que alguém o ajude a funcionar” (ECO, 2003, p. 37).

Assim posto, fica evidente que não basta apresentar o texto, o autor e o contexto histórico da obra *Os sertões*, de maneira estanque. Faz-se necessário propor métodos capazes de auxiliar o aluno no processo de interpretação. No caso de *Os sertões*, essa interpretação está intimamente ligada com as memórias que os alunos carregam do fato histórico que envolveu a narrativa, a Guerra de Canudos.

Cereja aponta outra hipótese de trabalho que toma como base a diacronia. Nesse caso, a sequência histórica seria o ponto de partida para o estabelecimento de relações e cruzamentos com outros períodos da literatura e da cultura. Essa abordagem pode se dar por dois caminhos: de trás para frente ou da frente para trás. (CEREJA, 2005, p. 35).

Segundo o autor, os dois caminhos apresentam vantagens e desvantagens, um por lidar com textos arcaicos que se distanciam do jovem que ingressa no ensino médio, em contraponto, tem como vantagem permitir acompanhar naturalmente os movimentos de ruptura e retomada que se sucedem uns aos outros e formam a tradição literária.

O caminho que parte da contemporaneidade traz textos cuja linguagem se familiariza com o aluno, pois haveria uma inversão da literatura trabalhada no primeiro ano com aquela trabalhada no terceiro ano. Entretanto, ao estabelecer relações e confrontos diacrônicos com o texto contemporâneo e lidar com textos de tradição literária, certamente apresentariam graus variados de dificuldade quanto à linguagem.

Desta forma, ao evidenciar a diacronia de *Os sertões*, é importante estar atentos à construção dessa sucessão de fatos históricos. Temos a possibilidade de evidenciar fatos que estejam relacionados à memória da cidade de Monte Santo, pois quando privilegiamos a experiência estética de uma obra, a formação do leitor se relacionará com a história do leitor, passando a fazer parte de sua memória os valores e sua personalidade. (ROUXEL, 2014, p. 03).

Em suma, Cereja faz três referências metodológicas no tocante ao ensino da literatura: a perspectiva historiográfica, a abordagem por temas e a abordagem por gêneros e busca formas e estratégias de trabalhar a literatura com os jovens do ensino médio (CEREJA, 2005, p. 38).

Partindo dessa premissa, percebemos que é possível abstrair e materializar nas aulas algumas das propostas de Cereja por meio da apresentação da perspectiva historiográfica e discussão do contexto sociocultural da Guerra de Canudos. Podemos apresentar, o conflito entre o litoral brasileiro, o urbano, o pré-industrial, o semicapitalista, o europeizado, predominantemente branco e o racionalista, contra o sertão mestiço submetido às influências do fanatismo religioso, evidenciando o progresso e o atraso.

Por tudo o que expusemos até agora, consideramos que é possível trabalhar *Os sertões* englobando os requisitos necessários para um ensino de literatura diacrônico e sincrônico, em afinidade com o que preconiza Cereja. Um ensino que mescle a leitura deleite com a leitura crítica e que se volte para a realidade sem perder a estética; um ensino que não se limite à



historiografia, compreendendo o valor desse método, porém não esquecendo o que diz o autor.

Assim, sem perder de vista a dimensão estética, bem como a historicidade do texto, dimensionada simultaneamente por sua situação de produção e por suas diferentes recepções ao longo de sua trajetória, espera-se poder libertar a ele e ao autor das amarras do tempo e colocá-los em diálogo vivo na „grande temporalidade“. E, se só é possível compreender o passado olhando para o presente, também só se compreende o presente olhando para o passado. Nesse corte da diacronia e da sincronia, situa-se o leitor, também libertado das amarras do presente. (CEREJA, 2002, p. 201).

Nessa perspectiva, nota-se que é uma exigência do mundo a formação de leitores cada vez mais críticos. Além disso, é importante estarmos atentos à compreensão do que lemos, pois assim seremos capazes de refletir acerca do nosso papel na sociedade e, por conseguinte, buscar a transformação necessária.

Assim posto, percebemos que ler *Os sertões* pode ser um importante aliado para discutirmos questões identitárias e resgatar a memória cultural da região. Deste modo, deve ser planejado com vistas ao desenvolvimento de um leitor crítico e capaz de compreender o mundo à sua volta.

Ao trabalhar com essa obra, em sala de aula, podemos nos valer da abordagem de Leitor-Modelo trazida por Eco que vê no ensino de literatura a necessidade da intertextualidade e acredita que um texto representa uma cadeia de artifícios de expressão que devem ser atualizados pelo destinatário. O autor, ainda, acrescenta que um texto se distingue, porém, de outros tipos de expressão por sua maior complexidade. Uma vez que é entremeado de não dito, segundo o autor, motivo principal da sua complexidade. Para o autor, esse “não dito” tem que ser atualizado em nível de conteúdo e, para isso, serão necessários movimentos cooperativos, conscientes e ativos da parte do leitor. (ECO, 2003, p. 36).

Ante o exposto, a escola torna-se imprescindível nesse processo. Ao apresentar as quatro expedições, ela tem a capacidade de atualizar os alunos, discutindo com eles, por exemplo, as consequências ideológicas de cada combate, bem como os diversos interesses que moveram aquele ato, com o intuito de preencher algumas lacunas que surgiram ao longo do tempo.

Nessa perspectiva, Eco nos diz que quem produz esses espaços os permite, porque um texto vive da valorização de sentido que o destinatário ali introduziu. Assim posto, fica explícito que o destinatário é condição primordial para a potencialidade significativa de um texto. Dessa forma, “um texto é emitido por alguém que o atualize – embora não se espere (ou não se queira) que esse alguém exista concreta e empiricamente.” (ECO, 2004, p. 37).

Diante desse contexto, percebemos que os movimentos de base eclesiástica, o movimento de Canudos que trata de um grupo de pessoas lideradas por padre Enoque e os grupos de jovens, foram os responsáveis pela atualização da leitura de *Os Sertões* em Monte Santo, utilizando-se de outras narrativas para fazer referência à vida em comunidade, sem deixar de lado os aspectos religiosos, mantendo viva até hoje a celebração de Canudos. Em contraponto, a escola se ateve a apresentar a versão oficial trazida nos livros didáticos, manuais e enciclopédias.

Diante disso, fica evidente que uma obra é passível de várias interpretações. Assim, é preciso pensar acerca de como é possível garantir a cooperação textual diante de tantas possibilidades de interpretação. Nesse contexto, surge a concepção de leitor-modelo capaz de cooperar para a atualização textual como ele (o autor) pensava e de se movimentar interpretativamente conforme ele se movimentou gerativamente. (ECO, 2004, p. 39). “O texto é um produto cujo destino interpretativo deve fazer parte do próprio mecanismo gerativo”. (ECO, 2004, p. 39).

Contudo, na concretização dessas estratégias é pertinente considerar os imprevistos, que são muitos, conforme pontua Eco (2004).

Os meios são muitos: a escolha de uma língua (que exclui obviamente quem não a fala), a escolha de um tipo de enciclopédia (se começo um texto com I como está claramente explicado na primeira Crítica... I, já reduzi, e bastante corporativamente, a imagem do meu Leitor-Modelo) a escolha de um dado patrimônio lexical e estilístico...(...) Muitos textos tomam evidente o seu Leitor Modelo, pressupondo apertis verbis (perdoem-me o oxímoro) uma específica competência enciclopédica (...) (ECO, 2004, p. 39).

Percebe-se também que o autor pressupõe e institui a competência do próprio leitor-modelo. Compreende-se que prever o próprio leitor-modelo não se trata apenas de uma espera, “significa também mover o texto de modo a construí-lo” (ECO, 2004, p. 40).

Destarte, percebe-se como as interpretações vão se definindo no texto. Assim entende-se que a configuração do autor-modelo depende de traços textuais ao tempo que considera também “o que está atrás do texto, atrás do destinatário e provavelmente diante do texto e do processo de cooperação (no sentido de que depende da pergunta: “Que quero fazer este texto?”)” (ECO, 2004, p. 49).

Diante desse pressuposto, *Os Sertões* se apresenta para Monte Santo como um importante instrumento de construção histórica e de formação da identidade do seu povo. Assim sendo, precisa ser apresentada para a comunidade escolar como uma possibilidade de

leitura que considere várias interpretações e nos possibilite um diálogo mais amplo com o texto.

Ao considerar a premissa, percebemos que pela relação de enraizamento histórico e cultural que a obra tem com a cidade de Monte Santo, será de grande valia propor uma leitura contextualizada. Contudo, ensinar literatura dessa forma trata-se de um desafio muito grande. Primeiro, pelo histórico de ensino desses alunos, que foram acostumados a ler obras literárias com o propósito de responder atividades, e que, na maioria das vezes, não tiveram espaços para expor suas reações subjetivas.

Desta maneira, é importante pensar como lidar com a experiência estética em sala de aula, e que mesmo importante e formadora, não podemos esquecer que ela se desenvolve a partir das experiências individuais de cada um, podendo suscitar devaneios, pensamentos deslocados o que torna mais um desafio a ser enfrentado. Conforme, aponta Rouxel, “Como, desde então, dar-lhe lugar no espaço socializado da sala de aula para colocá-la no coração da leitura literária e torná-la base para a formação do leitor? Em primeiro lugar, isso é possível? Sob quais condições?” (2014, p. 25).

Segundo a autora, é preciso construir e desenvolver a competência estética do leitor, criar meios para conduzir e manifestar as reações e provocações que o texto acende nele autor. E, sugere um tempo de leitura silenciosa em sala de aula, ou fora dela, para que o aluno desfrute da obra antes de perceber os efeitos sentidos. Assinala o trabalho com diários e cadernos de leitura que são capazes de observar o ato da leitura, bem como captar as reações e interrogações do leitor, a fim de vislumbrar a construção de sua personalidade, a partir dos julgamentos que fazem dos personagens, de como apreciam o mundo ficcional. Essas ações observam a construção da identidade leitora. (ROUXEL, 2014, p. 45).

Propor aos alunos que leiam *Os sertões*, permitindo que eles façam as suas interpretações, poderá ser um momento muito significativo, uma vez que a obra descreve o lugar deles, inclusive com riqueza de detalhes, traz em sua composição a fauna, flora e os mistérios da nossa caatinga. Apresenta o seu povo, ao descrever o homem sertanejo, trazendo os aspectos físicos e ideológicos. Por fim, exhibe a luta, a agonia a cada expedição, o combate, a resistência e o massacre.

Desta forma, a abordagem trazida por Rouxel tem como objetivo promover um diálogo entre o texto da obra e o texto dos alunos acenando para uma competência reflexiva, pois “a leitura subjetiva em sala de aula não se limita às emoções, ela se apoia na experiência estética para dar sentido ao texto e engajar uma reflexão sobre a sua própria pertinência”. (ROUXEL, 2014, p. 28).

No tópico a seguir abordaremos a leitura cultural de *Os sertões*; iniciaremos com os aspectos históricos e culturais sobre a obra; faremos isso à luz de teóricos renomados que se propuseram a falar da obra. Após será apresentada uma proposta didática evidenciando as possibilidades de trabalhar a obra a partir da leitura cultural.

### A leitura cultural

A obra *Os sertões*, considerada uma das mais importantes obras de literatura brasileira, de domínio público e traduzido para várias línguas, tem sido reeditada regularmente. Considerada pela crítica nacional um dos maiores livros literários já escrito em português.

Embora, várias sejam a tentativa de enquadrá-lo em um único gênero, pode-se dizer que *Os sertões* é jornalístico, documental, poema épico em prosa, romance, ensaio, apesar de várias possibilidades não há nenhum ajuste definitivo. “Obra cientista ou de arte, síntese difícilíssima de ser conseguida, única na literatura brasileira reflete um autor considerado ensaísta, cronista e ficcionista”. (BRANDÃO, 1996, p. 28).

*Os sertões* de Euclides da Cunha, lançado em dezembro de 1902, foi alvo de vários julgamentos consagradores

O livro do sr. Euclides da Cunha [...] é ao mesmo tempo o livro de um homem de ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnógrafo; de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador; e de um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista [...] (VERÍSSIMO. J, 1902, p. 45 apud Lima 2006, p.373)

*Os sertões* são um livro admirável, [...] único, no seu gênero, se atender-se a que reúne a uma forma artística superior e original uma elevação histórico-filosófica impressionante [...].

(ARARIPE JÚNIOR: 1903, 92 apud Lima 2006, p.373)

Em outras apreciações mais analíticas podemos perceber as denominações ciência e arte sob a mesma perspectiva. Entretanto, em outras definições aparecem separadas revelando o caráter híbrido da obra. O fato é que havia a preocupação em realizar uma síntese entre a linguagem literária e a elocução científica.

síntese entre literatura e ciência, combinação de estéticas, cruzamentos de gêneros, oposições de estilos; sua obra parece ressurar tensões por inteiro. Ela é composta estruturalmente de camadas heterogêneas díspares e mesmo incompatíveis, armadas numa clivagem cujo tênue equilíbrio repousa sobre a solidez das certezas transcendentais do autor. (SEVCENKO, 1989, p.135).

Em meio a estas consagrações e as indagações acerca da dupla inscrição da obra houve também restrições sobre a qualidade da narrativa que chegou a colocar em xeque a sua veracidade “não me viu! Tudo mentira! Não passou por lá! Nunca o vi! Ninguém o viu! [...] Não viu nada. Nada daquilo é verdade” (AMADO, 1956 p. 177-180 apud LIMA, 1997).

Entretanto, não passou de uma tentativa de defesa do general Siqueira de Menezes que, na condição de oficial do exército, se via na obrigação de defender a instituição duramente agredida e rechaçada pelas derrotas sofridas durante o combate em Canudos. Todavia, é inegável que a dupla inscrição da obra, embora sem muito sucesso, foi por vezes questionada.

Contudo, dupla inscrição da ciência com a literatura fez de Euclides da Cunha, representante de um dos principais jornais que noticiou o caso *O Estado de São Paulo*, ao escrever *Os sertões* se tornou uma das principais fontes sobre o massacre de Canudos.

Embora a estrutura compositiva de *Os sertões* siga um rigoroso esquema determinista podemos perceber em cada uma de suas partes “A terra”, “O homem”, “A luta” a presença da literatura.

O capítulo “A terra” faz descrições minuciosas da vegetação, do clima e do solo da região de maneira científica que são ao longo da narrativa interrompidas por Euclides com cenas de cunho literário.

Percorrendo certa vez, nos fins de setembro, as cercanias de Canudos, fugindo a monotonia de um canhoeiro frouxo de tiros espaçados e soturnos, encontramos, no descer de uma encosta, anfiteatro irregular, onde as colinas se dispunham circulando um vale único. [...] \_ O sol poente desatava, longa, a sua sombra pelo chão e protegido por ela \_ braços largamente abertos, face volvida para os céus \_ um soldado descansava. Descansava ... havia três meses [...] Fora disto \_ nas longas calmarias, fenômenos óticos bizarros.

Esta passagem da obra inicialmente pretendia apresentar o contraste das temperaturas na região do combate. Entretanto, a descrição é interrompida e dá lugar ao literário. A morte de um combatente e dos cavalos de outros soldados anônimos que aparecem sendo protegidas pelo pôr do sol apresentam uma linguagem lírico fantasmal que é enganosa e participa de um todo mais enganoso acentuando um dos maiores questionamentos da obra, o consórcio entre ciência e arte. (LIMA, 1997, p. 139).

A maioria das análises sobre *Os sertões* buscou compreender a dupla inscrição do texto, alternando entre os extremos da ficção e da ciência, calcado na ciência e na arte.

Luiz Costa Lima rebate tanto a dupla inscrição quanto a apreciação ficcional, afirmando que o texto é movido por uma explicação científica que tem por borda uma ornamentação literária.

O próprio Euclides da Cunha já avalizava a sua obra, a multiplicidade de sua obra ao responder, em 1902, a críticas de José Veríssimo sobre o seu largo uso de termos técnicos, dizendo que o consórcio da ciência e da arte é hoje a tendência mais elevada do pensamento humano (LIMA, 1997, p. 138).

Contudo, embora haja vasta discussão sobre o viés histórico e literário da obra, a nossa intenção ao abordar o tema nunca foi privilegiar uma em detrimento da outra. Mas, apresentar o entrelaçamento de saberes, que são históricos e literários, e também geológicos, etnográficos e políticos.

Enfim, no capítulo “A terra”, Euclides detalha a cena física onde a guerra vai se desenvolver, a partir de uma vasta coleta de dados a fim de realizar afirmações futuras ancorado em bases científicas. Além disso, pretende configurar o sertanejo como um forte, alguém forjado nas adversidades, marcado por uma longa convivência com as tragédias naturais, apto a resistir às oscilações do clima, da falta de água, da paisagem agreste. (CITELLI, 2000, p. 44).

No capítulo “O homem”, a ênfase são dada ao sujeito, buscou-se conhecer fatos representativos de certa identidade, numa época em que vários escritores, assim como Euclides da Cunha, pretendiam compreender o Brasil, para encontrar o sentido da nossa nacionalidade em formação.

Entretanto, ao tentar traçar o estudo das bases antropológicas do homem brasileiro, ao tomar como base as teorias raciais do século XIX, acabou compondo um quadro de fundo preconceituoso acerca do sertanejo. O sertanejo como uma sub-raça, produto de múltiplos cruzamentos, representaria a involução biológica, a negação do progresso, portanto da capacidade de absorção das grandes transformações civilizatórias. (CITELLI, 2000, p. 45).

Nesse contexto, surge a tese do isolamento defendida por Euclides, para o autor o jagunço de Canudos, como homem marginal, fora colocado nesta situação por força do conflito cultural que se estabelecera entre o litoral e interior e acabou resultando na guerra de Canudos. (BRANDÃO, 1996, p. 36).

O conflito cultural, conceito eminentemente sociológico, foi previsto por Euclides. Este fenômeno resultante da incompatibilidade entre valores culturais diferentes, características de dois ou mais grupos sociais, num dado momento histórico que entram em contato. O conceito é percebido ao analisarmos o contato dos soldados que iam do sul ou das

capitais do norte se comportavam como estrangeiros, embora estivessem numa distância relativamente curta (BRANDÃO, 1996, p.39).

Salta-se do trem, transpõe-se poucas centenas de metros entre casas deprimidas e topa-se, para logo, à fimbria da praça – o sertão...

Está-se no ponto de tangência de duas sociedades, de todo alheias uma à outra (...) Discordância absoluta e radical entre as cidades da costa e as malocas de telhas do interior, que desequilibra tanto o ritmo de nosso desenvolvimento evolutivo e perturba deploravelmente a unidade nacional (...) Outros hábitos. Outros quadros. Outra gente. Outra língua mesmo.

(CUNHA, 1973 apud BRANDÃO, 1996, p. 39)

Ante o exposto fica evidente que a separação social completa é que dava a ilusão de distância geográfica, criando a sensação de longo afastamento da pátria, explicado pela tamanha distância social e cultural entre os dois grupos.

Diante destas considerações as diferenças entre o mestiço do sertão e o do litoral, apresentada por Euclides, defende que o primeiro ficou livre da carga de civilizatória da cultura “superior”, isolado, perdido nas caatingas, longe das cidades e de seus modos de vida. O segundo, vivendo nas grandes cidades, em contato com formas de vida e cultura.

O primeiro recebeu impacto menor daquela cultura, por isso não decaiu, já o segundo não conseguiu absorver por não possuir uma estrutura mental ágil e desenvolvida, sofreu o peso deste processo e sucumbiu degenerando-se. “Quer dizer, o sertanejo é um sobrevivente: é forte porque conseguiu, de um lado, adaptar-se a um meio difícil, inóspito e, por outro lado, não recebeu os impactos da civilização que levaram à decadência física e moral do mestiço costeiro”. (CITELLI, 2000, p. 47)

O capítulo “O homem” se apresenta de forma paradoxal e contraditória. De um lado, a partir das teorias raciais do século XIX condena as “sub raças” ao avanço da civilização. De outro lado reconhece a capacidade de resistir do sertanejo as adversidades colocadas pelas dificuldades climáticas, pelo abandono e pela violência exercida pelos proprietários de terra e os militares.

A última seção, intitulada *A luta*, objeto central deste trabalho acentua a resistência sertaneja ao narrar as várias expedições do Exército contra Canudos.

Desse modo, trabalhar leitura subjetiva com *Os sertões* suscitará o que os alunos de fato pensam sobre essa obra, como eles veem o tratamento que Euclides da Cunha deu ao sertão e aos sertanejos, bem como fazer com que eles percebam as consequências ideológicas materializadas em suas interpretações.

Percebe-se na narrativa que, Euclides da Cunha, ao entrar em contato com o sertanejo, mudou o seu testemunho acerca da violência praticada pelo Belo Monte, principalmente acerca do fuzilamento, a degola de prisioneiros, os genocídios, passando a ver a falta de sentido daquele movimento. (CITELLI, 2001, p

Empreende-se que Euclides da Cunha muda as suas concepções ideológicas de lugar, a exemplo do tratamento dado a Conselheiro, inicialmente indigesto, reverter-se em respeito no final da narrativa. Em contrapartida, o exército, composto pelos militares, que no início da narrativa de Euclides da Cunha são tratados como vítimas, inclusive há suspeita de uma conspiração da monarquia diante da capacidade de combate dos sertanejos, serem posteriormente apresentados como desumanos. (CITELLI, 2001, p. 54).

### **Proposta didática**

Partindo dessa premissa, defendemos que o comportamento dos militares e a saga de Conselheiro durante o combate precisam ser analisados a partir das representações estéticas dos leitores dessa obra. Antes de estabelecermos juízo de valor acerca das inúmeras homenagens feitas aos militares que lideraram a guerra, inclusive um busto do marechal Bittencourt na praça principal da cidade de Monte Santo, acompanhado de uma placa de honra ao mérito, é importante ouvir quais representações os alunos conseguem fazer sobre o papel desses militares no combate. Visto que, segundo Rouxel,

durante a leitura de um texto o leitor se apropria do texto: ele o reconfigura à sua imagem, completando-o com elementos oriundos de sua história pessoal e de sua cultura ou, inversamente, deixando-lhe lacunas, apagando tal aspecto que não atraiu muito a sua atenção. Assim elabora-se o que os pesquisadores e teóricos contemporâneos da recepção nomeiam, metaforicamente de “o texto do leitor”. (ROUXEL, 2014, p. 23)

Desta forma, propor uma construção didática da leitura subjetiva para *Os sertões* foi uma escolha pensada, a partir da relação histórica que a obra tem com o município de Monte Santo, sobretudo, em suas manifestações históricas e culturais. A ideia é apostar na intensidade da narrativa para propiciar aos alunos uma experiência, um encontro, um resgate com a sua identidade, criando “uma relação com a literatura que se encontra transformada, sendo esse o lugar de uma experiência existencial e estética onde se põe em jogo a identidade do leitor” (ROUXEL, 2014, p. 33).

Dessa maneira, percebemos que a recepção crítica de uma obra deve iniciar pela estética da obra. É necessário ouvir dos leitores de *Os sertões* sobre quem é Antônio Conselheiro para eles. Aquele que nas primeiras páginas do livro é denominado de facínora, louco, bárbaro, agitador e no final é tratado de forma respeitosa, precisa ser desvendado a partir das inquietações de seus leitores, permitindo que cada um perceba o que a figura de Antônio Conselheiro representa na construção de sua identidade.



Diante do contexto apresentado, para continuar pensando no ensino de literatura nas escolas nessa perspectiva, será preciso pensar em uma abordagem que considere a formação de um leitor crítico e suas heranças culturais.

No que tange à leitura de *Os sertões*, esse processo se evidencia, visto que mesmo com mais de um século de sua publicação, as discussões trazidas por ele continuam atuais e, por isso, merecem ser revisitadas e debatidas, pois fazem parte do nosso desenvolvimento social, político e econômico.

Entretanto, mesmo a obra fazendo um esforço para expor um senso de verdade, coerência e ética na apresentação de cada brutalidade do Estado sob os sertanejos, para alguns, a leitura se ancora na crença de um complô antirrepublicano em Canudos. Muitos leitores não conseguem perceber o genocídio que foi praticado contra milhares de homens, mulheres e crianças, em detrimento de um olhar voltado para ordem imposta pela República, como forma de ajustar valores econômicos e sociais necessários para o desenvolvimento do país. (CITELLI, 2001).

Ante o exposto, percebemos que as identidades foram formadas a partir de um processo de interação que, conseqüentemente, construiu os valores e sentidos e formou o sujeito sociológico que tem uma identidade capaz de

projetar “a nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (HALL, 2001, p. 12)

Nesse sentido, percebemos que estas internalizações acontecem também no processo de interpretação de textos, uma vez que as nossas preferências identitárias são capazes de excluir outras possibilidades, na medida em que participamos de um grupo, podemos anular outros. Assim, “o professor precisa estar atento ao reconhecimento de outras vozes sociais presentes no texto, tanto as explícitas como as silenciadas” (GOMES, 2012, 171).

Por exemplo, pessoas ligadas aos movimentos de base social, a exemplo de igrejas, sindicatos e associações, entendem Antônio Conselheiro como um herói. Já as pessoas que não têm envolvimento com base social, uma parte se abstém de entender o processo, enquanto a outra parte, o define como fanático e violador da ordem pública.

Assim, corroboramos com o pensamento de Gomes, quando diz que “a formação do leitor está relacionada diretamente às ideologias vigentes no contexto da leitura”. (GOMES, 2012, p.169). Por isso, se faz necessária a leitura de *Os Sertões* como produção estético-

cultural, discutindo as diferenças ideológicas que fazem parte da construção textual e de sua recepção crítica. Conforme aponta Gomes,

o leitor cultural vai aos poucos percebendo que o texto literário revela diferentes abordagens dos problemas sociais que devem ser historicamente situados, mas que, principalmente, devem ser comparados e problematizados a partir do leitor atual. Com isso, pensamos em uma leitura que explore as contribuições dos estudos culturais e da recepção crítica para tornar o ato de ler um ato social. (GOMES, 2012, p. 181)

Partindo dessa premissa, sem dúvida, ler *Os sertões*, a partir da concepção de leitor cultural de Gomes nos ajudará a compreender as tensões existentes entre os planos e a escrita, o modelo e a imposição da realidade. É esse tipo de leitura que permitirá encontrar ora a condenação do atraso sertanejo, ora a glorificação da resistência de Antônio Conselheiro e seus seguidores.

### 3. DESCRIÇÃO DAS OFICINAS: LENDO *OS SERTÕES*

Nesta parte do trabalho pretendemos apresentar a abordagem prática da pesquisa. No primeiro momento, vamos descrever a abordagem metodológica da pesquisa-ação, sendo que, o enfoque principal foi produzir atividades de intervenção para desenvolver a leitura do texto literário, a partir da leitura subjetiva e o modelo cultural de leitura.

Para a composição da pesquisa, valemo-nos da abordagem qualitativa e quantitativa dos dados colhidos durante nossas oficinas. Embasados no aporte teórico e/ as discussões feitas nos tópicos anteriores, percebemos a importância do ensino de literatura na escola de forma dinâmica, hipertextual, multimodal que esteja atrelado aos valores culturais e, que contribua para a formação crítica dos alunos.

Além disso, fomos motivados pelas discussões do Mestrado Profissional – PROFLETRAS que traz em sua composição uma preocupação latente acerca do ensino de literatura, por meio de diversas discussões teóricas e metodológicas que contribuíssem para compreensão ampla da importância do ensino de literatura nas escolas.

Imbuídos pela necessidade de pensar em uma proposta de intervenção na nossa escola de atuação, optamos por uma prática de ensino de literatura que fosse capaz de discutir as heranças culturais e as contribuições ideológicas a partir da obra *Os Sertões*. Nesse sentido, as oficinas de texto literário versaram sobre a recepção e o valor cultural da obra.

Com o intuito de socializar a nossa pesquisa, passamos a descrever a nossa proposta prática de intervenção descrita neste relatório. As oficinas foram formuladas para uma turma de nono ano do ensino fundamental, com vistas a promover a recepção do texto literário que permita fazer reflexões acerca das consequências ideológicas da Guerra de Canudos em Monte Santo.

<b>Abordagem metodológica e a comunidade escolar</b>
--

Este tópico visa justificar a escolha do texto literário que fora feito para a promoção do debate acerca da leitura literária de *Os sertões*, prioritariamente, as heranças culturais e ideológicas deixadas e materializadas na obra de Euclides da Cunha. Além disso, apresentaremos os sujeitos envolvidos e as etapas da pesquisa, o planejamento das oficinas, além dos resultados obtidos através dessa.

A presente pesquisa utilizou a metodologia da pesquisa-ação por ser uma pesquisa social que tem estreita associação com uma ação, no qual os pesquisadores representativos da

situação da realidade estão envolvidos de modo cooperativo e participativo (THIOLLENT, 1985). Portanto, um dos principais objetivos deste trabalho foi pensar numa proposta de ensino de literatura para a obra *Os sertões*, especificamente, o capítulo *A luta*, que foi apresentado pela versão em HQ, *Os sertões, A luta* de Carlos Ferreira e Rodrigo Rosa. O trabalho foi desenvolvido por meio de questionamentos e da experiência local, destacando os embates ideológicos, desenvolvidos a partir da recepção, interpretação e suas heranças culturais.

Entendendo que não há uma preocupação com o ensino de literatura, visto que, na maioria dos casos, o professor apresenta apenas a abordagem historiográfica, sem contemplar outras possibilidades de ensino, como a leitura subjetiva de Rouxel (2013) e o modelo cultural de leitura de Gomes (2012).

Desse modo, o presente trabalho visa contribuir para uma prática de leitura literária que incorpore a dinâmica da comunicação digital com uma perspectiva cultural que reconheça as particularidades das identidades da obra e do leitor, especificamente os aspectos históricos e regionais.

Ao considerar o presente contexto, na realização desse trabalho nos aliamos à multimodalidade, presente na perspectiva dos multiletramentos de Rojo (2012) que foi potencializada com o advento da rede de computadores e o letramento digital de Freitas (2010) que consiste em fazer uso social da leitura e da escrita presente nos ciberespaços, por entendermos que o público-alvo está imerso no mundo digital e fizemos uso das novas tecnologias por ser um importante aliado nessa empreitada.

Diante desse pressuposto, narrar as quatro expedições ocorridas durante a guerra partiu da necessidade de envolvê-los em uma prática de leitura que estivesse relacionada com os aspectos ideológicos e culturais da cidade onde vivem, motivando-os a repensar os valores ideológicos construídos ao longo do tempo.

Tendo em vista que os fatos são trazidos a partir da narrativa da Guerra de Canudos, e que a cidade de Monte Santo sediou o segundo batalhão de operações da referida guerra, essa obra tem um papel significativo na história desse povo e para tal precisa ser apresentada aos filhos dessa história, primando pela apresentação da representação dos elementos culturais.

Aqui em Monte Santo, no momento activo das operações, do mesmo modo procedi para alcançar em marchas, como outras prolongadíssimas nas franças de sertões ínvios, uma gotta de agua a 10 leguas de distancia. Começou então o período de angustias, em que não é lícito repousar o homem de armas; em que os tropeiros e seus favorecedores iam pouco a pouco em fuga indetivel, abandonando a conducção, muitos animaes desaparecendo.(BENÍCIO, 1997, p.203)

Portanto, para atender a essa prerrogativa, evidenciamos nas oficinas o modelo cultural de leitura de Gomes (2012) “que propõe uma leitura revisionista que atualize os significados dos textos” (GOMES, 2012 p.170), entendendo que “o texto necessita de uma interpretação dos significantes como parte de uma sociedade e relacione o texto lido a suas heranças culturais” (GOMES, 2012, 177).

Destarte, apresentamos as quatro expedições a Canudos, por meio de oficinas literárias, com o intuito de representar a resistência do povo do sertão aos ataques da república, sem perder de vista a construção da identidade do sertanejo na narrativa, que ora é reconhecido com bravo herói, ora como ser bárbaro e perverso.

Para além disso, estivemos atentos acerca de como isso foi construído no imaginário coletivo dos habitantes de Monte Santo e se condiziam com as materializações culturais presentes nas praças, museus e órgãos públicos da cidade, “daí a importância de um modelo cultural de leitura que valorize a revisão do passado cultural, visto que o leitor crítico é um coautor, um invasor com sua imaginação e experiência”. (GOMES, 2012, 174).

Nesse sentido, tendo em vista os desafios do ensino de leitura literária na contemporaneidade, este trabalho pretendeu apresentar de forma multimodal e fazendo uso do letramento digital, o capítulo “A luta”, de *Os sertões*, por acreditar ser uma metodologia mais condizente com o público-alvo em questão, sob a ótica da leitura subjetiva e do modelo cultural de leitura, respectivamente, de Rouxel (2013) e Gomes (2012) com vistas a entender como os alunos interpretam a passagem das quatro expedições, as vitórias e derrotas dos sertanejos, e quais as heranças culturais que eles têm desse episódio histórico da cidade de Monte Santo.

Desse modo, o trabalho em questão propôs um ensino de literatura que se apropria dos recursos disponíveis na rede, apresentando o texto literário, de forma multimodal, mesclando cores, introduzindo sons, bem como a inserção de outras modalidades de texto que promoveu uma leitura hipertextual, ágil, atraente, interligada por “nós”, visto que, os educandos, na maioria das vezes, já estão acostumados com esse tipo de leitura.

Entretanto, é prudente considerar que durante o processo de construção das oficinas, tivemos alguns obstáculos e necessidades que nos obrigaram a rever o percurso das oficinas e reavaliar as metas traçadas anteriormente. Sendo a principal delas, incluir visitas temáticas para ativar as memórias literárias dos alunos.

Diante disso, buscou-se ler *Os sertões* desenvolvendo atividades de leitura que propiciasse aos envolvidos uma percepção sobre os elementos culturais presentes na obra que contribuiu para a construção da identidade cultural do povo de Monte Santo.

Esse trabalho tem como foco as questões culturais e ideológicas, por isso mostra-se assim, bastante importante, pois nesta fase há os conflitos de identidade, inconstância na compreensão dos valores adquiridos no seio familiar e, por sua vez, a sociedade começa a cobrar deles posicionamentos políticos e ideológicos de temas inerentes ao convívio social.

Diante disso, vemos na escola uma importante aliada, pois ela tem um papel fundamental no que tange ao acompanhamento dessas mudanças, conforme assinala Freire: “nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade (...)” (FREIRE, 1996, p. 45)

### **A proposta de intervenção: oficinas de leitura**

A pesquisa foi realizada na cidade de Monte Santo/BA, situada na região Norte da Bahia, a 364 km da capital Salvador. A respectiva escola atende à modalidade do ensino fundamental séries finais, nos turnos matutino, vespertino e noturno. Situada no Alto São Francisco, bairro localizado na sede do município, essa instituição comporta atualmente 903 estudantes, os quais residem nas zonas rural e urbana.

Figura 1 – Mapa da cidade de Monte Santo - Bahia



Fonte: Google disponível em <https://www.google.com/maps/>. Acesso em fev de 2019.

Monte Santo é um município brasileiro do Estado da Bahia e ficou conhecido na história do Brasil por ter sido o quartel-general do exército durante a Guerra de Canudos em

1897. Além disso, em 1784, no interior do município de Monte Santo, foi encontrada a Pedra do Bendegó, o maior meteorito já encontrado em solo brasileiro.

Foi cenário de um dos filmes mais premiados do cinema nacional, Deus e o Diabo na terra do sol, do cineasta Glauber Rocha, uma parte da minissérie O pagador de promessas, da emissora TV Globo, baseada na obra do escritor baiano Dias Gomes.

Figura 2 – Encarte do filme Deus e o diabo na terra do sol



Fonte: <<https://www.google.com/search?q=deus+eo+diabo+na+terra+do+sol>>

Figura 3 – Encarte da minissérie O pagador de promessas



Fonte: Globo filmes

O seu principal atrativo cultural é o museu do Sertão onde tem uma réplica do Meteorito de Bendengó e um vasto acervo sobre a Guerra de Canudos. No turismo, tem como principal evento a Romaria de Todos os Santos, com mais de 200 anos de tradição, em

que os romeiros sobem o monte, onde está o Santuário Santa Cruz para agradecer as graças alcançadas, fazer e renovar pedidos.

A unidade onde a pesquisa se desenvolveu é a escola mais antiga da rede municipal de ensino, com 54 anos, foi a primeira a ofertar ensino fundamental e médio na cidade, conta com uma estrutura de 16 salas de aula, uma diretoria, uma secretaria e uma sala para professores, uma biblioteca e um laboratório de informática.

Além disso, a escola conta com almoxarifado, pátio e uma quadra de esportes externa. Quanto aos sujeitos participantes, os/as alunos/as compõem uma turma de nono ano do ensino fundamental, do turno matutino e residem na zona urbana e rural do município, sendo a maioria da zona rural. Esses discentes encaixam-se na faixa etária entre 14 e 18 anos.

Segundo o Projeto Político-Pedagógico da escola, o nível socioeconômico do alunado pode ser considerado entre baixa e média condição social, os quais são filhos de funcionários públicos e de empresas privadas, tais como lojas e do comércio local, sendo que a maioria é filho de trabalhadores rurais.

A proposta de intervenção que contempla este trabalho de conclusão é resultado de um planejamento de leituras feitas dos teóricos citados e analisados anteriormente, organizado em três momentos; memórias, multiletramentos e leitor cultural. Esses momentos foram divididos em três oficinas.

A primeira oficina teve como objetivo descobrir quais memórias os alunos tinham da Guerra de Canudos. A segunda oficina contemplar a teoria dos multiletramentos e discutir com os alunos, por meio de pesquisas realizadas na internet, como a referida guerra foi noticiada na mídia. A terceira oficina pretendia reconhecer as vozes ideológicas trazidas pela linguagem do texto a partir da discussão sobre a representação histórica e ideológica da Guerra de Canudos, em Monte Santo.

É importante destacar que todas as oficinas foram iniciadas com a contextualização do tema que seria trabalhado, por meio de questionamentos, rodas de conversa, com vistas a ativar o conhecimento de mundo deles. Nesta etapa como forma de conquistar a confiança deles, necessária para a fluidez do trabalho, foi criada uma forma de explorar os conhecimentos prévios dos alunos, instigando-os a pensar e refletir sobre a leitura feita.

No que diz respeito à seleção da obra, *Os sertões* foi escolhido por narrar com riqueza de detalhes da Guerra de Canudos, fato histórico com profundo estreitamento ideológico e cultural com a cidade de Monte Santo. O trabalho procurou envolver toda a narrativa, mas deu ênfase ao capítulo *A luta*, por englobar toda a obra, uma vez que apresentam durante o



combate as armadilhas da caatinga e a bravura do sertanejo, fatos estes mencionados, respectivamente, na primeira e segunda parte da obra.

Nas bordas das trincheiras deixavam restar, em pedras superpostas, orifícios através dos quais pudessem enfiar os canos das armas, arremedando as clássicas torneiras das casas-objeto de assédio. Não foi necessária técnica especial para se criar rede de defesa: a terra por si só é um baluarte natural que a tornava, com a caatinga, aliada ao jagunço. Os arbustos maiores igualmente iriam servir de esconderijo. Homens ali se acolheriam em jiraus, escondidos por galhos e folhas. E espingardeariam com boa visão de conjunto. (FONTES, 1995, p. 247)

O capítulo se divide em cinco momentos denominados: travessia do cambaio; expedição Moreira César; quarta expedição; nova fase da luta e últimos dias. Em todos estes momentos é possível perceber que a obra narra um dos maiores massacres da nossa história. Um lugar de fome, de injustiça, mas de um povo de fé que viu na figura de Antônio Conselheiro a possibilidade de dias melhores.

Embora Monte Santo tenha sido o quartel general da Guerra de Canudos, as escolas não têm incluído a temática nas práticas curriculares do ensino fundamental II; nesta modalidade de ensino, os livros didáticos não mencionam a Guerra de Canudos e os professores não têm incluído em seus planos de ensino.

Diante dessas poucas referências, coube-nos um estudo aprofundado de como formar leitores literários e como ampliar o debate acerca das questões ideológicas e culturais que envolvem *Os sertões*. Assim, após esse longo percurso teórico, passamos para a fase seguinte, a escolha da metodologia que se adequasse a nossa proposta de intervenção. É preciso ainda destacar que o filme, o documentário, as imagens e todos os textos que não possuem teor literário, os quais constituíram as oficinas, foram designados cautelosamente com a intenção de propor uma intertextualidade com as obras literárias, com vista no intertexto da leitura cultural de *Os sertões*.

### **Oficinas de prática de leitura literária**

Nossa prática de leitura foi dividida em três momentos (oficinas): Memórias do Leitor, Multiletramentos e Leitura Cultural. Em cada uma dessas etapas, essa prática de intervenção seguiu as abordagens teóricas propostas na parte inicial desta pesquisa, dando destaque à formação do leitor, por isso valorizamos tanto sua memória subjetiva e inicial de como os acontecimentos de Canudos chegaram até eles até a ampliação do horizonte de expectativa

cultural de formação crítica desse leitor sobre sua comunicabilidade e os valores históricos que sustentam essa guerra.

### Oficina 01 – Memórias do leitor

Com o objetivo de descobrir quais as memórias dos alunos sobre a Guerra de Canudos, as atividades desenvolvidas nesta oficina iniciaram a partir do conhecimento prévio dos alunos sobre *Os sertões*.

**Aula 01** - Nesta aula foi aplicado um questionário investigativo (anexo I) com cinco questões que visaram descobrir qual a aproximação dos alunos com o fato histórico ocorrido em Canudos, narrado por Euclides da Cunha.

**Aula 02** - Com o propósito de ampliar a discussão sobre a presença de Canudos, na cidade de Monte Santo, convidamos o professor e guia do Projeto Educação Patrimonial, Eduardo Tolentino, para acompanhar os alunos até o Museu do Sertão e a praça Monsenhor Berenguer.

**Aula 03** - Para aguçar a discussão antes da leitura de *Os sertões*, nesta aula assistimos o filme a Guerra de Canudos, direção de Sérgio Rezende – 1997. Em seguida foi aplicada uma atividade com questões dissertativas.

**Aula 04** - Tendo em vista a necessidade de atualizar a discussão sobre a identidade sertaneja por meio das memórias que eles têm do lugar, a aula tratou da oposição clássica: O sertão e o “litoral” tendo como objetivo apresentar as mudanças da vida do povo sertanejo.

Presumindo contemplar a multimodalidade, proposta por de Roxane Rojo (2014), os alunos assistiram ao documentário “Sertão, Sertões”, de Sérgio Resende, que contém informações sobre o sertão, fazendo uma comparação com as grandes cidades.

O vídeo documentário faz uma alusão à oposição sertão e litoral presente na obra *Os sertões*. A proposta foi que quando a obra fosse apresentada aos alunos, a turma fizesse relações desse documentário com o capítulo *A luta*, visto que nessa parte do livro essa oposição fica muito mais evidente, e o vídeo contribuiria para atualização desses fatos, como propõe o modelo cultural de leitura de Gomes (2012), permitindo que o aluno inserisse ou excluísse algumas informações.

Nesse documentário, podemos perceber que o autor faz uma reflexão sobre as características do sertão no Brasil contemporâneo; faz abordagens do deslocamento das populações rurais para os grandes centros urbanos e, do outro lado, a expansão das fronteiras

agrícolas brasileiras parece confirmar a profecia famosa de Antônio Conselheiro: "O sertão vai virar praia, a praia vai virar sertão".

*Sertão, Sertões* nos remete à ideia de globalização, sendo capaz de expandir o conceito de sertão para outras regiões do mundo, considerando o sertão o mundo do atraso e o litoral o assim denominado primeiro mundo.

No vídeo, aparecem vários depoimentos de pessoas narrando fatos acerca de como era a vida no sertão, reforçando aspectos marcantes na identidade do sertanejo, como o compromisso com a palavra empenhada, o respeito aos mais velhos, entre outras. Em contraponto, o vídeo também apresenta a emigração do povo sertanejo para as grandes cidades, assim como a chegada dos avanços ao sertão, a fim de mostrar as consequências de ambos no processo da formação da identidade desse povo.

Para esse momento, pensamos em explorar tanto a memória cultural como a recepção do leitor crítico para a realização dessa leitura, entendendo que o leitor cultural leva em conta o contexto de produção literário e de sua recepção atual. Assim, esta atividade, pretendia trabalhar a leitura interdisciplinar como forma de explorar as relações interculturais entre texto e sociedade. (GOMES, 2011, p. )

Findada esta etapa inicial, acreditávamos estar prontos para a leitura do texto literário, doravante, apresentado nas oficinas seguintes.

## **Oficina 02 – Multiletramentos**

Para esta oficina o professor solicitou o laboratório de informática e verificou se havia conexão de internet suficiente. Precisou de *pen drive* para salvar a pesquisa dos alunos para imprimir posteriormente. A partir do conceito de multiletramentos de Roxane Rojo (2012), pretendemos discutir como a Guerra de Canudos foi noticiada na mídia. Deste modo, o professor levou os alunos para o laboratório de informática e solicitou que pesquisassem as notícias da época em que ocorreu a Guerra de Canudos em diversos sites. Em seguida, os alunos escreveram comentários sobre as notícias encontradas, bem como se posicionaram criticamente acerca dos fatos encontrados.

## **Oficina 03 - Leitura cultural**

Antes de iniciar o trabalho com esta oficina, foram disponibilizadas para os alunos cópias digitalizadas da obra em HQ, *Os sertões: a luta*/ Euclides da Cunha: adaptações de Carlos Ferreira (roteiro) e Rodrigo Rosa (ilustração).

O objetivo desta terceira oficina foi fazer uma releitura dessas representações da Guerra de Canudos, a partir da intersecção entre o estético e o político, bem como promover uma leitura crítica do que levou e manteve o combate em Canudos.

**Aula 01 - Conhecendo a obra** - O professor iniciou a aula com a projeção das imagens em HQ da obra *Os sertões: a luta* de Euclides da Cunha: adaptações de Carlos Ferreira (roteiro) e Rodrigo Rosa (ilustração), (2010) para que o aluno fizesse as associações das imagens com o conhecimento que ele tinha acerca desse fato histórico.

Esse primeiro momento visou contemplar a pedagogia dos multiletramentos de Rojo (2012), a partir da multimodalidade presente nos HQ.

Figura 4 – Imagem da obra



Fonte: Os sertões A luta de Euclides da Cunha por Carlos Ferreira & Rodrigo Rosa

Figura 5 – Imagem da obra



Fonte: Os sertões A luta de Euclides da Cunha por Carlos Ferreira & Rodrigo Rosa

Propusemos a leitura de algumas imagens e lançamos algumas perguntas para motivar a fala dos alunos: “você conhece esse lugar? Quem são essas pessoas? Quais características as identificam?” – Caso a turma citasse que tratava do sertão e que as pessoas eram os sertanejos, nesse primeiro momento, o professor poderia perguntar sobre as características desse lugar, desse povo e ir anotando as respostas dos alunos no quadro.

Essa atividade teve como objetivo analisar a formação crítica e as heranças culturais que os alunos tinham de *Os sertões*, embasado no modelo cultural de leitura proposto por

Gomes (2012) que acredita que “a formação do leitor está relacionada diretamente às ideologias vigentes no contexto da leitura” (GOMES, 2012, p.169). Assim, a ideia foi de que por meio da leitura das imagens aliada às perguntas motivadoras, pudéssemos discutir as diferenças ideológicas que fizeram parte da construção textual e de sua recepção crítica.

Ler *Os sertões*, a partir da concepção de leitor cultural de Gomes (2012), norteou a compreensão da condenação do atraso sertanejo e da glorificação da resistência de Antônio Conselheiro e seus seguidores durante as quatro expedições.

**Aula 02 - conhecendo a obra** – Iniciamos esta aula com a leitura da citação abaixo e, inicialmente para levantar termos desconhecidos dos participantes:

É natural que seja Monte Santo, desde muito, uma paragem remansada, predileta aos que se aventuram naquele sertão bravo. Não surgia pela primeira vez na história. Muito antes dos que agora o procuravam, outros expedicionários, porventura mais destemerosos e, com certeza, mais interessantes, por ali haviam passado, norteados por outros desígnios. Mas quer para os bandeirantes do século XXII, constitui-se escala transitória e breve mal relumbrando em acontecimentos de maior monta. Não deixa, contudo, de ser expressiva e sua função histórica, entre devassadores de sertões, distintos por intuítos e desunidos por três séculos, porém tendo – como veremos – a afinidade dos mesmos rancores e das mesmas arrancadas violentas (CUNHA, 2016, p. 244).

Em seguida, fizemos uma tempestade de ideias evidenciando os aspectos históricos de Monte Santo e, na sequência, foi proposto à turma que apresentasse relações desse trecho com as imagens da HQ relativas às expedições que tinham como quartel general a cidade de Monte Santo.

Figura 6 – Imagem da obra



Fonte: Os sertões A luta de Euclides da Cunha por Carlos Ferreira & Rodrigo Rosa



Nesse trecho, Cunha (2016) apresenta a cidade de Monte Santo como cenário de embates históricos importantes. Assim, nesse segundo momento, foi aberta discussão acerca da representação da cidade de Monte Santo na obra *Os sertões*; o debate foi iniciado, a partir das seguintes perguntas: Como Monte Santo foi representado durante as expedições em *Os sertões*? É possível reconhecer esses aspectos na atualidade? A astúcia do sertanejo? Os mistérios da caatinga que tanto colaborou para no êxito das primeiras expedições?

Nesse sentido, a proposta inicial era permitir que eles fizessem as suas interpretações, a partir das imagens em HQ que buscavam descrever o lugar deles, inclusive contemplando a riqueza de detalhes, sobre a vegetação e a evidência dada aos mistérios da caatinga a cada vez que os jagunços venciam os militares.

Figura 7 – Imagem da obra



Fonte: Os sertões A luta de Euclides da Cunha por Carlos Ferreira & Rodrigo Rosa

Figura 8 – Imagem da obra



Fonte: Os sertões A luta de Euclides da Cunha por Carlos Ferreira & Rodrigo Rosa

O objetivo dessa atividade foi entender o que os alunos pensam acerca do combate, quais as semelhanças e divergências ideológicas materializadas em suas interpretações em comparação com a narrativa de Euclides da Cunha, e dessa forma, privilegiarmos a experiência estética, proposta por Gomes (2012) para relacionar a formação do leitor com a história do leitor, para que o combate, apresentado no capítulo *A luta* que marcou o cenário histórico de Monte Santo, pudesse fazer parte de sua memória, valores e sua personalidade.

**Aula 03 – Vozes ideológicas em *Os sertões*** - Nesta aula interpretamos um trecho da obra fazendo relação com as imagens em HQ para reconhecer as vozes ideológicas trazidas pela linguagem do texto.

O professor entregou a cópia do trecho das imagens abaixo e fez a leitura em voz alta, solicitando que os alunos acompanhassem.

Além disso não havia mais surpresas naquela luta e, caso o adversário desdobrasse, de súbito, imprevistos recursos de defesa, as tropas de reforço, agindo fora do círculo tumultuário do combate, poderiam mais desafogadamente mover-se segundo as eventualidades emergentes, em manobras decisivas, visando objetivos firmes. O coronel Moreira César, porém, desdenhara dessas condições imperiosas e, arrojando à batalha toda a sua gente, parecia contar menos com a bravura do soldado e competência de sua oficialidade leal que com uma hipótese duvidosa: o espanto e o terror dos sertanejos em fuga, colhidos de improviso por centenas de baionetas. Revelou – claro - este pensamento injustificável, em que havia a insciência de princípios rudimentares da sua arte de par com o olvido de acontecimentos recentes; e cumuleu tal deslize planeando a mais desastrosa das disposições assaltantes (CUNHA, 2016, p. 316).

Figura 9 – Imagem da obra



Fonte: Imagem da obra *Os sertões A luta* de Euclides da Cunha por Carlos Ferreira & Rodrigo Rosa

Figura 10– Imagem da obra



Fonte: Os sertões A luta de Euclides da Cunha por Carlos Ferreira & Rodrigo Rosa

Figura 11 – Imagem da obra



Fonte: Os sertões A luta de Euclides da Cunha por Carlos Ferreira & Rodrigo Rosa

Em seguida, o professor instigou uma discussão norteadas por perguntas como: Por que o coronel Moreira César subestimou a capacidade dos sertanejos? O que fez os militares recuarem nessa expedição?

Assim, o objetivo dessa atividade foi compreender através das heranças culturais como os alunos analisam a atuação do sertanejo durante o combate, iniciando pela compreensão dos motivos que levaram a guerra até o combate final, bem como acerca da participação dos militares, como avaliam a sucessão de derrotas, a insistência em destruir Canudos.

O capítulo *A luta* revela em sua narrativa a dicotomia central da obra, os militares versus sertanejos. Desta forma, buscamos formar um leitor cultural capaz de analisar como as



identidades estão representadas e que significados elas carregam no jogo ficcional (GOMES, 2011, p. 18)

Nesse sentido, pretendemos que os alunos, ao lidarem com as diferenças marcantes em *A luta* em decorrência da disputa, entre os sertanejos e militares, sertão e litoral, os ideais monarquistas e republicanos, pudessem recepcioná-las de forma crítica, deixando para traz os preconceitos sociais para legitimar a diferença como prática de aprendizagem contínua. (GOMES, 2011, p.19)

Enfim, a partir do modelo cultural de leitura, proposto por Gomes (2012), propusemos uma leitura que considerasse várias interpretações e nos possibilitasse um diálogo mais amplo com o texto. Fizemos isso considerando o potencial histórico, cultural e a formação identitária que esse capítulo da obra tem com a cidade de Monte Santo.

**Aula 04 - Canudos em Monte Santo** - Nesta aula, pretendemos discutir sobre a representação histórica e ideológica da Guerra de Canudos em Monte Santo.

Sendo assim, o professor ampliou imagens presentes na praça principal de Monte Santo; a estátua de Antônio Conselheiro, a réplica do canhão de Canudos, o busto do marechal Bitencourt e a placa de honra e mérito pelos serviços prestados em nossa região.

Diante dessa premissa, abriu-se uma discussão com os alunos sobre as imagens, pedindo que cada um falasse sobre elas, bem como o que pensam sobre o fato delas estarem lado a lado, como avaliam a atuação de Antônio Conselheiro e dos militares, representados ali, por marechal Bitencourt, o que significa para eles a placa de honra ao mérito para o marechal e a matadeira ao fundo de Conselheiro.

O objetivo dessa atividade era discutir, através do modelo cultural de leitura, proposto por Gomes (2012), dialogar com as preferências identitárias a partir da identificação das vozes sociais presentes no texto, tanto as explícitas como as silenciadas (GOMES, 2012, 171). Observar a partir dessas vozes, o tratamento dado a Conselheiro em diversos momentos, bem como o tratamento dado aos militares durante e após o combate.

Pretendíamos, a partir das interpretações, discutir os lugares de fala, de quem as reproduz, como foram construídos, entender qual a base social dessas falas, e assim buscar caminhos para compreender a condenação do atraso sertanejo e a glorificação da resistência de Antônio Conselheiro e seus seguidores.

Nesse sentido, a ideia era contemplar a perspectiva dos estudos culturais, que torna a leitura eficiente, à medida em que a transforma numa prática inclusiva e de aceitação da diferença e da diversidade nas representações culturais.

Dialogar acerca das diferenças, dos diversos lugares de fala, desses sujeitos leitores, deveria transformar a leitura desse capítulo em um espaço de reflexão social, pois propiciaria que o leitor fizesse inter-relações entre o texto e a sociedade, o presente e o passado, o imaginário individual e o coletivo, resultando, assim, em uma leitura politizada. (GOMES, 2011, p. 14)

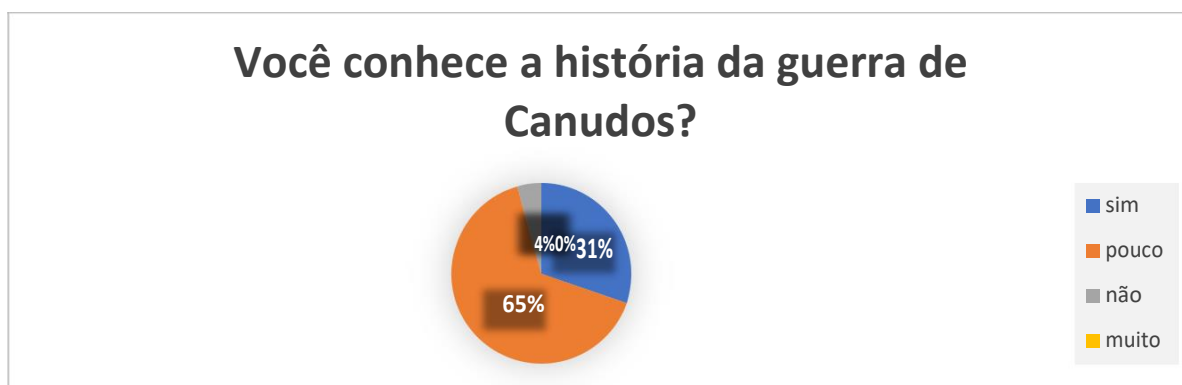
No final da aula foi solicitado um texto argumentativo que sintetizasse a opinião deles sobre os pontos debatidos na aula.

## IV - ANÁLISE DOS RESULTADOS

As atividades iniciaram a partir do conhecimento prévio dos alunos sobre *Os sertões*. Como sabemos que há uma distância entre a obra e os alunos, optamos por trazer inicialmente elementos que ativassem a memória deles e os despertassem para a obra. Valemo-nos de todos os elementos culturais presentes na cidade de Monte Santo para aproximá-los da narrativa de Euclides da Cunha, a fim de despertar o interesse necessário para iniciarmos o trabalho uma vez que “o desinteresse dos jovens pela literatura se explica, em parte, por essa ausência de emoção que acompanha as análises formais, mais ou menos acadêmicas esperadas da instituição”. (ROUXEL, 2014, p. 19).

Para mapear este conhecimento prévio aplicamos um questionário investigativo (anexo I) com cinco questões que visavam descobrir qual a aproximação dos alunos com o fato histórico ocorrido em Canudos, narrado por Euclides da Cunha.

Gráfico 1 – Mapeamento de dados



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Gráfico 2 – Mapeamento de dados



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

A aplicação foi tranquila e teve a participação de 100% da turma. Na primeira pergunta, diante do resultado obtido, representado na Figura 1, mostra-nos que a maioria dos

alunos conhece a história, entretanto, conhece pouco o que nos causa certa frustração por conta do valor histórico e identitário que essa guerra tem para nossa cidade.

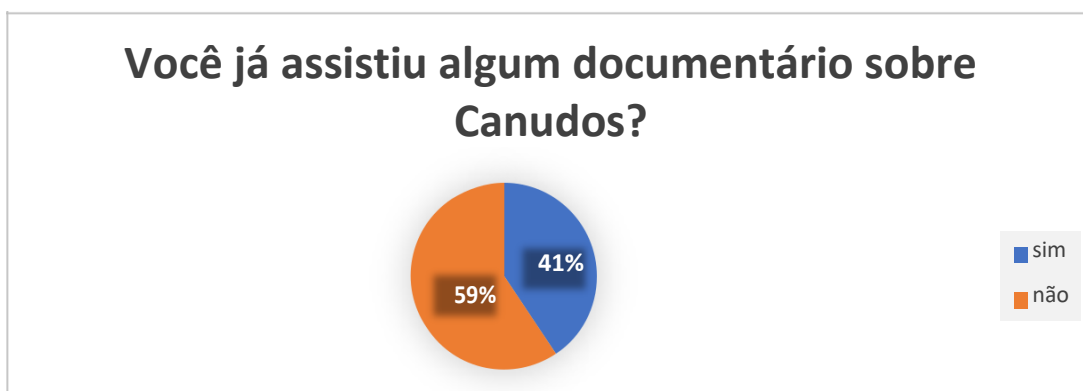
Contudo, na segunda questão, representado na Figura 2, os alunos mesmo assumindo que conhecem pouco da guerra, um número significativo afirma saber que Monte Santo sediou o quartel general da guerra; julgamos esta informação importante para discutir, pois pretendemos analisar os impactos culturais e ideológicos a partir deste fato.

As perguntas, a seguir, versam sobre o contato que os alunos já tiveram com a história da guerra e quais as expectativas deles sobre o estudo do tema. Estranhamente, constatamos, por meio do questionário representado na Figura 3 que mais de 50% dos alunos nunca assistiram nenhum documentário sobre Canudos.

Consideramos estranho, pois vários documentários foram gravados aqui em Monte Santo sobre Canudos, a Universidade do Estado da Bahia- câmpus I- Salvador em parceria com câmpus XXII desenvolveram o projeto A caminho do Sertão de Canudos nas cidades consideradas pelos historiadores coirmãs - Euclides da Cunha, Uauá, Canudos e Monte Santo.

Este projeto foi direcionado aos professores e agentes de cultura do município e durou cerca de 18 meses deixando para as cidades um acervo de artigos e documentários sobre Canudos. Nesse sentido, diante das informações colhidas concluímos que as escolas não estão fazendo uso do material.

Gráfico 3 – Mapeamento de dados~



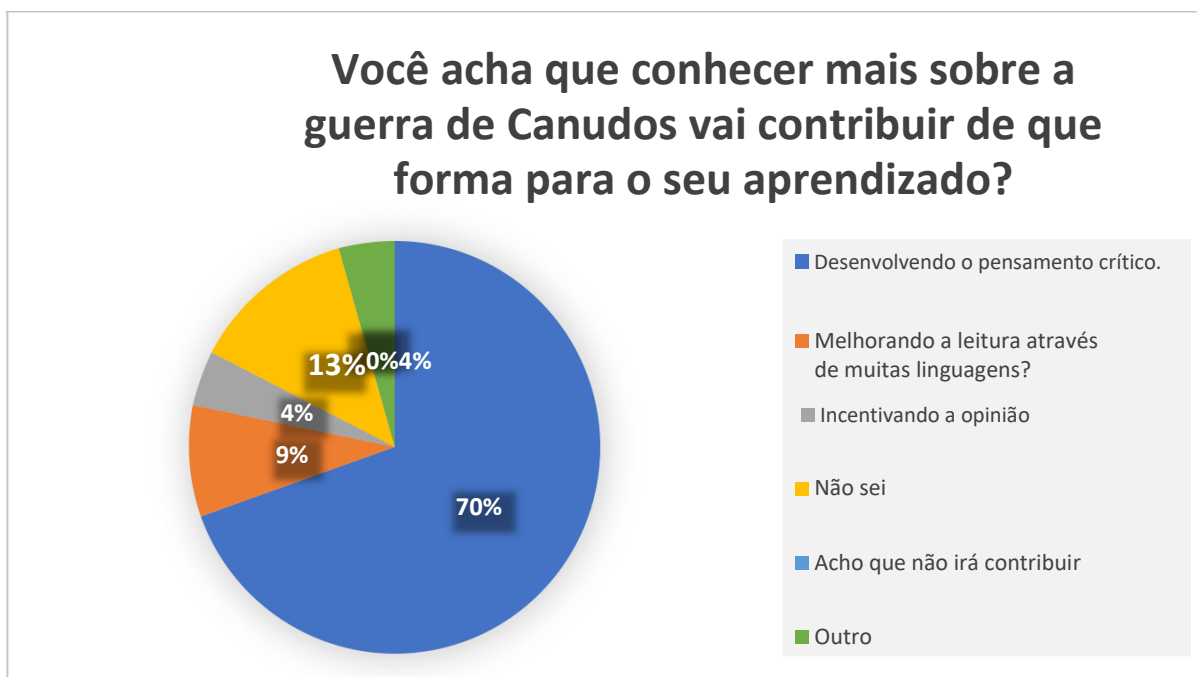
Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

A respeito das expectativas sobre a pesquisa, 70% acreditam que será importante para desenvolver o pensamento crítico. Embora seja um número significativo, como pesquisadores, precisamos estar atentos aos 13% que, mesmo diante de seis opções não têm opinião formada sobre qual contribuição o estudo sobre a Guerra de Canudos dará para o seu aprendizado.

Contudo, 75% acreditam que estudar sobre a Guerra de Canudos irá ajudar a refletir melhor sobre o seu lugar, apesar de nos preocupar com os 5% que disseram não, o resultado

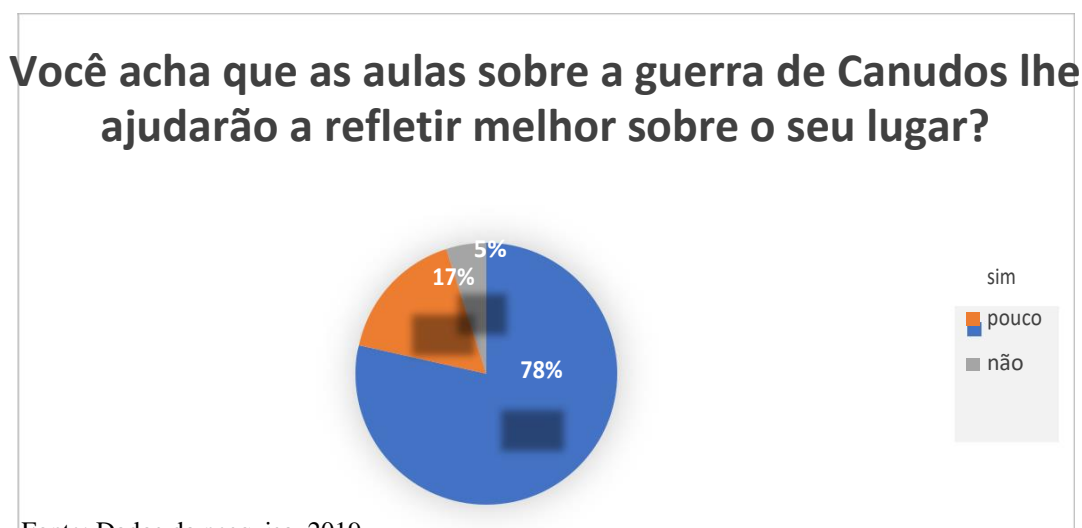
desta pergunta nos motiva, pois sinaliza que eles conseguem compreender que a história da nossa cidade está imbricada com os acontecimentos da guerra e, isso ajudará na formação do leitor cultural, proposta por Gomes (2012).

Gráfico 4- Mapeamento de dados



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Gráfico 5 – Mapeamento de dados



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Com o propósito de ampliar a discussão sobre a presença de Canudos na cidade de Monte Santo, convidamos o professor e guia do projeto Educação Patrimonial, Eduardo

Tolentino. O professor visitou conosco o Museu do Sertão e a praça Monsenhor Berenguer; na visita foi dada ênfase às salas do museu que contam a história de Canudos, bem como trouxe fatos históricos relacionados à matadeira, ao Conselheiro e aos militares, todos representados na referida praça. O professor nos apresentou alguns prédios que os militares e os conselheiristas utilizaram durante o combate, mas a cidade não preservou e hoje são prédios comerciais com uma estrutura toda modificada.

Figura 12 - Professor Eduardo Tolentino – Museu do Sertão em Monte Santo



Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

Figura 13 – Objetos do acervo da Guerra de Canudos



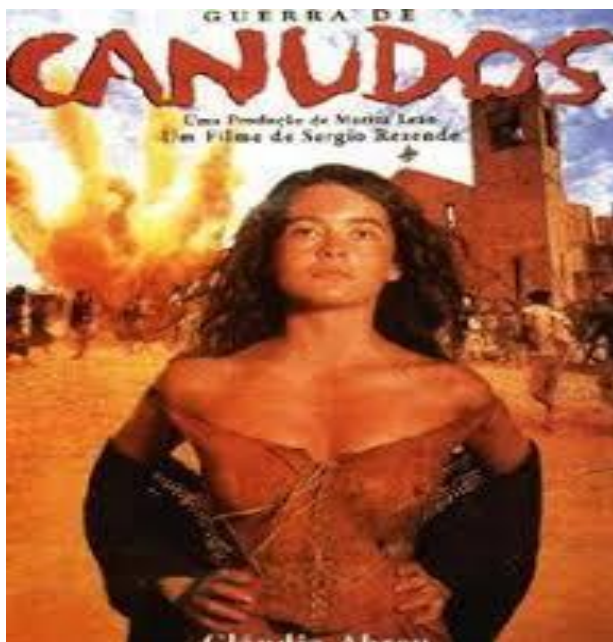
Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Após a visita realizamos uma roda de conversa com os alunos e a empolgação sobre o tema era visível; os alunos demonstravam interesse em saber mais sobre o assunto, entretanto, ficou claro que lhes faltavam informações necessárias sobre o acontecimento, e por conta

disso, depois de consultar os demais professores da unidade escolar e ter a certeza de que eles não conheciam o filme, resolvemos incluir no roteiro das oficinas o filme Guerra de Canudos, direção de Sérgio Rezende – 1997.

Para assistir ao filme utilizamos o auditório da escola, e o exibimos através de um telão, para dar a ideia de cinema; servimos pipoca e refrigerante em peças personalizadas.

Figura 14– Encarte do filme a Guerra de Canudos



Fonte: <<https://www.google.com/search?q=filme+a+guerra+de+canudos>>

O filme narra a história de uma família sertaneja que se divide quando a filha mais velha, Luíza, vivida pela atriz Cláudia Abreu, se recusa a acompanhar os pais na peregrinação liderada por Antônio Conselheiro, interpretado por José Wilker. Inconformada com a situação, Luíza foge e, diante das dificuldades encontradas longe de casa, se torna prostituta. Enquanto isso, sua família migra para Belo Monte, região de Canudos, onde Antônio Conselheiro e seus fiéis procuram resistir aos ataques dos soldados federais enviados para acabar com o povoado.

O filme também apresenta a situação que se encontrava o nordeste brasileiro, um lugar com muita precariedade, fome, seca, miséria e principalmente o abandono político. Percebe-se que todos estes elementos fizeram com que aquele povo enxergasse na figura de Antônio Conselheiro um salvador que iria libertá-los daquele sofrimento.

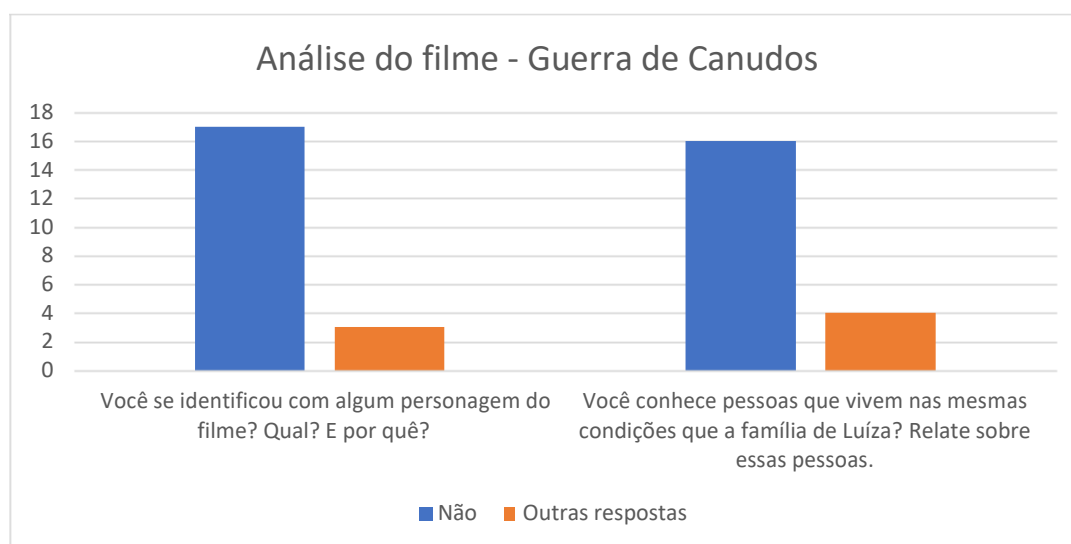
Em meio ao conflito, Luíza lutava contra o povo de seu pai. Durante a luta, o marido de Luíza morre, então ela começa a se prostituir para os soldados, até que um deles se apaixona por ela. Luíza se apaixona também pelo soldado. Após sua mãe ser assassinada,

Luíza luta junto das pessoas de Canudos, em um dado momento acaba matando seu novo amante. Luíza e sua irmã sobrevivem aos ataques da república e terminam o filme rezando no meio dos destroços de Canudos.

Logo após o filme, solicitamos que os alunos respondessem um questionário com quatro questões discursivas com o intuito de fazer a recepção da obra, a partir da leitura subjetiva do massacre. Foram feitas perguntas que buscaram associar a vida dos personagens do filme com a identidade sertaneja dos alunos.

Apesar de serem questões discursivas, foi possível quantificar a primeira e a segunda questão em decorrência das respostas obtidas. Uma vez que, dos 20 alunos que participaram da atividade, apenas cinco discorreram sobre os demais, conforme o Gráfico 6, se limitaram a dizer, apenas não.

Gráfico 6 – Mapeamento dos dados



Fonte: Dados da pesquisa, 2019

Figura 15 – Trechos do questionário

QUESTIONÁRIO PARA O ALUNO - Análise do filme Guerra de Canudos – Direção Sérgio Rezende – 1997.

1- Você se identificou com algum personagem do filme? Qual? E por quê?

Sim, Luíza. Por ser uma mulher guerreira com determinação que não desiste fácil.

Fonte: Dados da pesquisa, 2019



Figura 16 – Trechos do questionário

QUESTIONÁRIO PARA O ALUNO - Análise do filme Guerra de Canudos – Direção Sérgio Rezende – 1997.

1- Você se identificou com algum personagem do filme? Qual? E por quê?

me identifiquei com a aquelas  
pessoas (ltando) Por seus direitos com  
tanto usoimento no meio de tanta seca

Fonte: Dados da pesquisa, 2019

Figura 17 – Trechos do questionário

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO PARA O ALUNO - Análise do filme Guerra de Canudos – Direção Sérgio Rezende – 1997.

1- Você se identificou com algum personagem do filme? Qual? E por quê?

Sim, Lucena, pois era um homem batalhador que mesmo nas  
horas ruins não abandonou o seu povo

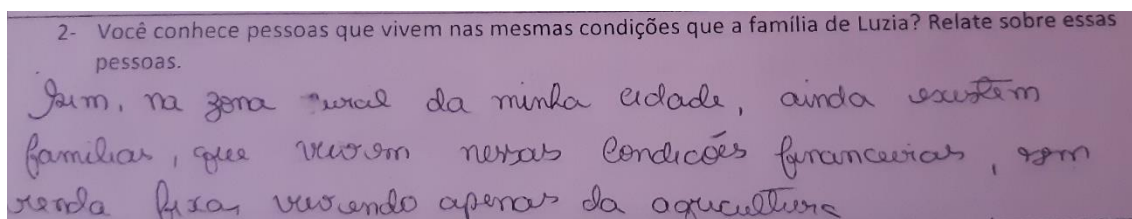
Fonte: Dados da pesquisa, 2019

Figura 18 – Trechos do questionário

2- Você conhece pessoas que vivem nas mesmas condições que a família de Luzia? Relate sobre essas pessoas. Sim, citadas vivem de carro em carro querendo abrigo e comida e espero pe' em Deus que algum dia eles consigam

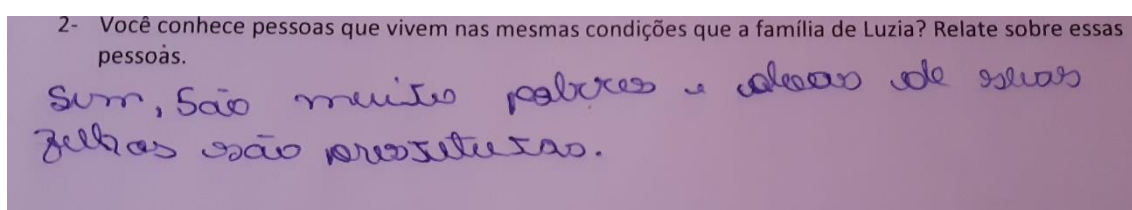
Fonte: Dados da pesquisa, 2019

Figura 19 – Trechos do questionário



Fonte: Dados da pesquisa, 2019

Figura 20 – Trechos do questionário



Fonte: Dados da pesquisa, 2019

Como podemos observar, a maioria dos alunos não se identificou com as personagens do filme, mesmo diante de um cenário muito parecido com a zona rural de Monte Santo, vestimentas e sotaques semelhantes.

Podemos associar este fato à crise de identidade, em que os sujeitos modernos se fragmentam e se descolam, pois diferente da identidade sociológica nos quais os sujeitos tinham uma identidade unificada e estável, a pós-modernidade tem desfeito as referências que davam ao indivíduo certa sensação de pertinência em um universo centrado. (HALL, 2001).

Decerto, podemos ver este deslocamento do sujeito de forma positiva, ainda que pareça contraditório, entendemos que a desestrutura das identidades estáveis do passado proporcionam o jogo de novas identidades. (HALL, 2001).

Os alunos que se identificaram, conforme as figuras acima, viram-se na garra e determinação das personagens principais, em suas justificativas apresentaram a causa coletiva como objeto da identificação. O personagem de Lucena, identificado pelos alunos, inicia na narrativa com um papel pequeno, mas depois se agiganta na defesa do seu povo, assemelhando-se com a construção euclidiana que “segundo seu processo mais usual, inicia o esboço de um personagem e o vai detalhando numa linha ascendente, até que sua personagem se dilua numa força natural ou social”. (SEVCENKO, 1989, p.132).

No entanto, na segunda questão que versa sobre conhecer alguém que vivesse as mesmas condições das personagens, os alunos individualizaram a questão e pautaram a

questão financeira como ponto principal de identificação, mas ainda assim revelaram em suas justificativas as mazelas sociais, refletindo a preocupação social.

Diante do contexto, pode-se perceber que o diretor do filme consegue transmitir a proeza de Euclides da Cunha na construção das personagens no filme, visto que “segundo seu processo mais usual, inicia o esboço de um personagem e o vai detalhando numa linha ascendente, até que sua personagem se dilua numa força natural ou social”. (SEVCENKO, 1989, p.132).

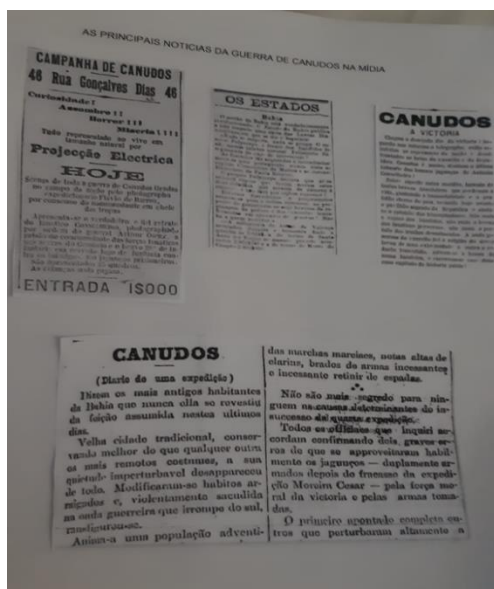
Desta forma, para esta primeira parte da pesquisa, os questionários tornaram-se uma fonte de investigação sobre esses sujeitos e suas identidades, a fim de avaliá-los quanto ao seu conhecimento prévio acerca da questão a ser trabalhada por meio da coleta de opiniões, bem como situá-los quanto à pesquisa. Além disso, essa tarefa inicial serviu para prepará-los para o texto literário, como assevera Cosson, segundo o qual as atividades de leitura demandam uma preparação, que “requer que o professor conduza de maneira a favorecer o processo de leitura como um todo” (2018, p. 54).

Com a análise dos dados colhidos a partir destes questionários, tornou-se possível fazer um levantamento sobre as opiniões dos alunos no que diz respeito à Guerra de Canudos, bem como suas expectativas quanto ao tema.

Diante disso, de posse da análise das respostas, foi possível perceber o grau de envolvimento dos alunos com o este tema de capital importância ideológica e cultural para Monte Santo.

Na segunda etapa da oficina, intitulada multiletramentos, foi aplicada uma pesquisa, a partir dos recursos tecnológicos, sobre como Canudos foi noticiada na mídia. Durante a pesquisa, os alunos encontram na rede, jornais da época que noticiaram a Guerra de Canudos. Diante da insuficiência de máquinas a atividade foi feita em dupla e os alunos fizeram colagem com as imagens que encontram.

Figura 21– Produção dos alunos



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Considerando que o termo “multiletramentos”, refere-se às novas práticas de letramento que envolvem a multiplicidade de linguagens e mídias presentes hoje na criação de textos e também a diversidade cultural dos leitores e produtores destes textos (TEIXEIRA; LITRON, 2012, 169)

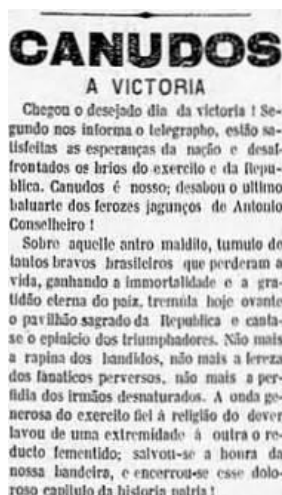
A pesquisa na internet, a seleção dos textos, o recorte, a colagem fez dessa atividade uma prática de leitura multimodal, uma vez que os alunos misturaram, relacionaram os textos e foram capazes de transformar em outros textos.

Após a colagem foi feita uma roda de conversa sobre as matérias que eles encontraram. Os alunos ficaram surpresos com os diversos posicionamentos para o mesmo fato, e ao relacionar com os dias atuais chegaram a questionar a credibilidade da imprensa.

A partir deste fato, foi possível refletir sobre as práticas de linguagem na contemporaneidade, visto que estamos diante de novas relações multiculturais entre o que é local e global, o que é valorizado e não valorizado, além de ter que considerar as novas formas de circulação dos textos e as situações de produção de discurso. (TEIXEIRA; LITRON, 2012, 168)

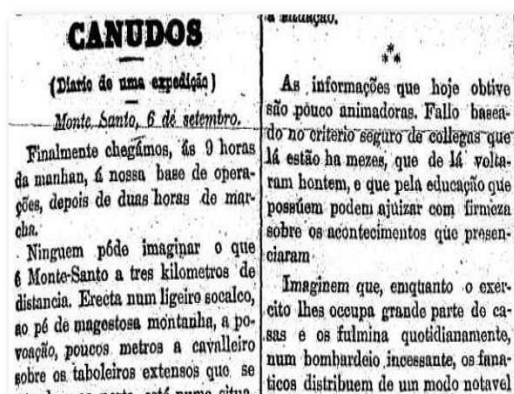
Ao analisar os discursos que circularam na imprensa durante o combate de Canudos. Vemos, na imagem abaixo, que o texto cujo o título era Canudos, A Victoria, foi atribuído aos sertanejos vários adjetivos negativos, e ainda o responsabilizaram pelo combate. Em contrapartida vitimizaram e honraram os militares, bem como omitiram as suas primeiras derrotas. Este fato levou um aluno a dizer “por isso que eles estão na praça, né professora?”.

Figura 22 – Notícias da Guerra de Canudos



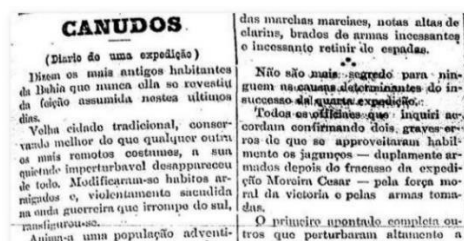
Fonte: <<https://blogdabn.wordpress.com/tag/guerra-de-canudos>>

Figura 23 – Notícias da Guerra de Canudos



Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,canudos-diario-de-uma-expedicao-euclides-d>

Figura 24 – Notícias da Guerra de Canudos



Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,canudos-diario-de-uma-expedicao-euclides-d>

Contudo, ao analisar os diários de uma expedição feitos por Euclides da Cunha durante o combate em Canudos, os alunos perceberam e comentaram durante a roda de conversa, que nesses textos já não havia mais a preocupação em esconder as derrotas. Durante

a conversa, dois trechos destacados por nós fizeram com que os alunos percebessem que a imprensa noticiou várias versões do mesmo fato.

velha cidade tradicional, conservando melhor do que qualquer outra os mais remotos costumes, a sua quietude imperturbável desapareceu de todo. Modificaram-se hábitos arraigados e, violentamente sacudida na onda guerreira que irrompe do sul transfigurou-se. (Diário de uma expedição)

Sobre aquele antro maldito, túmulo de tantos bravos brasileiros que perderam a vida, ganhando a imortalidade e a gratidão eterna do país, tremula hoje o pavilhão sagrado da República e canta-se o epílogo dos triunfadores (...) a onda generosa do exército fiel a religião do dever lavou-se de uma extremidade a outra o reduto fementido; salvou-se a honra da nossa bandeira, e encerrou esse doloroso capítulo da história. (Diário de uma expedição)

Diante do contexto, ainda na sala de informática, os alunos foram incentivados por nós, a pesquisarem notícias atuais, clicarem nos diversos links que aparecem quando estamos lendo um texto em mídia digital, e assim através das malhas da internet, suas vivências e formações serem capazes de formar os seus próprios posicionamentos.

Na última etapa das oficinas apresentamos a obra *Os sertões* aos alunos a partir da versão em HQ do capítulo A luta de *Os sertões*: a luta/ Euclides da Cunha: adaptações de Carlos Ferreira (roteiro) e Rodrigo Rosa (ilustração), (2010).

O trabalho foi desenvolvido com vistas a promover a intersecção entre o estético e o político. Esteticamente vemos na obra euclidiana um estilo híbrido que apresenta características de vários estilos literários, a exemplo do realismo crítico de Eça de Queiroz, da frase trabalhada e dos vocábulos fortes do parnasianismo. (SEVCENKO, 1989).

Desta forma, apresentar a obra de Euclides da Cunha para os alunos das séries finais do ensino fundamental II requer muita habilidade, sobretudo, pelo vocabulário e o estilo altamente elaborado do começo ao fim. Embora, o autor tenha recolhido um acervo de vocábulos e expressões dos jagunços ao empregá-los teve o cuidado de grifá-los, aspá-los ou alterar a prosódia (SEVCENKO, 1989).

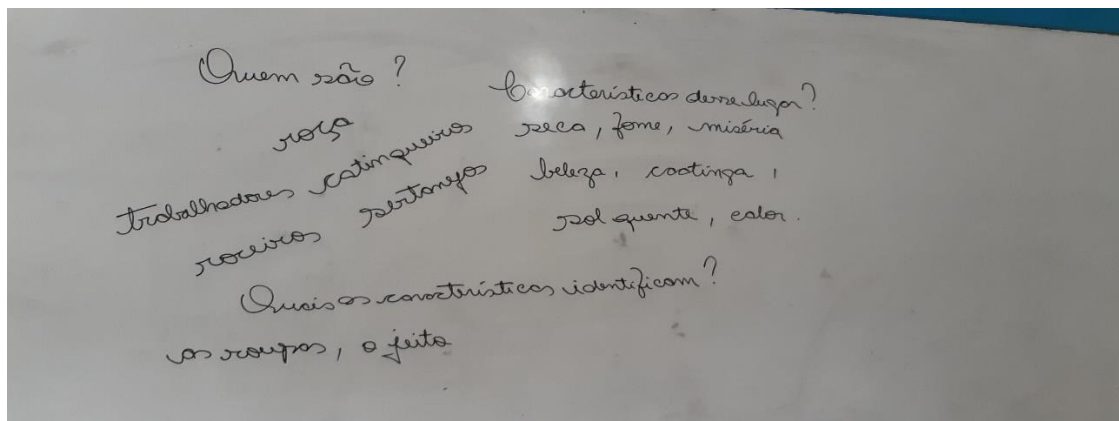
Percebemos que Euclides da Cunha utilizou o vocabulário sertanejo em momentos bem específicos, assim mesmo fez alterações em sua ortografia a fim de torná-lo menos chocante e mais compreensível ao público. Desta forma, “não seria, portanto, exagerado afirmar que há um único nível de fala na sua obra, referida homogeneamente a um público uniforme” (SEVCENKO, 1989, p. 133).

Diante do contexto, para apresentar *Os sertões*, utilizamos o HQ por apresentar uma linguagem mais simples e condizente com o vocabulário dos alunos dessa modalidade de

ensino. Além disso usamos as imagens do HQ para relacionar com os trechos retirados da obra original e buscamos o tempo todo ouvi-los para que o vocabulário deles fosse evidenciado.

Na primeira atividade, a partir da imagem do HQ, foi feita as seguintes perguntas; Vocês conhecem esse lugar? Quem são essas pessoas? Quais características as identificam? Conforme eles respondiam, nós anotávamos as respostas no quadro negro.

Figura 1



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Durante esta atividade, alguns nomes nos chamaram atenção, como as expressões “catingueiro” e “roceiro”, que atualmente estão em desuso, mas já foram bastante utilizadas em Monte Santo para nomear de forma pejorativa as pessoas que moravam na zona rural.

A utilização destes termos nos faz refletir sobre a imagem do sertanejo construída por esta geração, sobretudo, pelo fato destes alunos morarem na zona rural do município ou ter parentes que moram, pois 85% da população da cidade moram na zona rural.

Sobre as características do lugar, dos sete nomes citados, temos apenas dois positivos. Percebe-se que os alunos leram na imagem aquilo que é proclamado sobre o sertão, uma terra de miséria, seca e fome. Não incluíram na imagem os avanços do nosso sertão, como as organizações associativas, a organização da agricultura familiar, o avanço da nossa produção local, a exemplo do licuri e do umbu, além dos avanços tecnológicos e da qualidade de vida das pessoas.

Em relação à leitura da imagem do sertanejo, os alunos identificaram apenas a semelhança das roupas e o jeito. Não se atentaram, por exemplo, às expressões faciais que nos remeteriam às batalhas travadas diante das injustiças praticadas nessa terra.

Ante o exposto, fica evidente a necessidade de um trabalho com o texto literário atrelado às representações sociais, a partir dos estudos culturais, que “relacione a literatura e

realidade e cultura e sociedade como projeto de valorização da crítica como ato de politização da interpretação, pois a cultura define o modo de vida de uma sociedade” (GOMES, 2011, assim, defendemos uma produção cultural que formula uma consciência social preocupada com “a emancipação cultural das massas”. (EAGLETON, 2010, p.342, apud GOMES, 2011, p.66).

Na aula seguinte, iniciamos com um trecho da obra *Os sertões*. Ao fazer um levantamento dos termos desconhecidos, os alunos citaram “paragem remansada”, “expedicionários”, “desígnios”, “predestinado”, “transitória”, “relumbrando”, “monta”, “devassadores”. Consideramos muitas palavras para uma pequena passagem do texto. Este fato nos fez refletir sobre a dificuldade que um aluno do fundamental II terá para compreender a obra *Os sertões* e a necessidade de criar estratégias para que esta narrativa chegue até eles.

Mais adiante, apresentamos o significado das palavras encadeando com as imagens em HQ relativas às expedições. As imagens impulsionaram os alunos a pensarem sobre a representação de Monte Santo durante as expedições e quais as heranças culturais que ficaram deste momento. Depois de uma roda de conversa com as perguntas norteadoras, eles produziram um texto em grupo, do qual destacamos alguns trechos para análise.

Figura 2

Tem um porco aqui ainda que parece o conselheiro virgem segurando ai nas ruas e a maioria são da Igreja e do sindicato.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

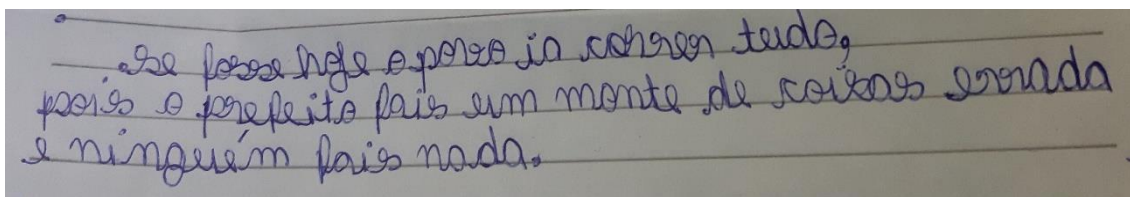
Figura 3

O porco do sertão continuam relatos poris pegam seoi na caatinga, trabalham no sol quente o dia todo.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

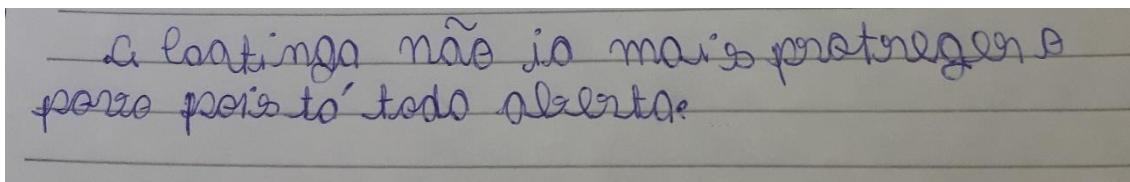


Figura 4



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 5



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A partir destes trechos podemos perceber a atualização da obra *Os sertões*. Ao mexer com a identidade dos alunos ativamos a memória afetiva deles e possibilitamos novas construções. Quando os alunos reconhecem que a caatinga não seria mais capaz de proteger os sertanejos pela sua devastação, vemos claramente esta atualização.

Antoine Compagnon fala da importância da identificação provocada pelas situações vividas pelos personagens na construção do sujeito leitor. (2001, p. 14). Os alunos conseguem perceber a bravura dos sertanejos em suas atividades diárias, como enfrentar o sol quente da caatinga e na labuta com os animais. Em relação as causas sociais, eles trouxeram duas leituras distintas, reconhecem a luta da coletividade presentes nos sindicatos e nas igrejas e a inércia daqueles que não reagem frente aos desmandos dos gestores públicos.

Diante do exposto, foi possível compreender os processos subjetivos do sujeito leitor da obra *Os sertões*. A obra conseguiu fazer com que os alunos vissem o mundo onde vivem sob uma nova ótica, tomando consciência das alterações e aquisições que o seu lugar e o seu povo sofreram. Nesse sentido, temos como objetivo que a partir deste trabalho os alunos, cotejando seu horizonte inicial de expectativas com os interesses atuais, verifiquem que suas exigências estão maiores, bem como sua capacidade de decifrar o que não é conhecido pode ser aumentada. (AGUIAR E BORDINI, 1993, p.90-91).

Nesse sentido, fica evidente a importância dos estudos culturais como intersecção entre forma e conteúdo do texto literário propondo “uma leitura pautada na importância da

politização da crítica literária por meio de abordagens híbridas em que estética e aspectos culturais sejam explorados como partes do texto literário”. (GOMES, 2011. p. 01).

Partindo dessa premissa, continuamos as discussões a partir da leitura das imagens. Pretendíamos que os alunos refletissem sobre a imagem que o restante do país tinha do sertanejo. Assim, fizemos projeções de várias imagens do HQ que apresentavam as expectativas dos militares, sobretudo o Moreira César que desdenhou da força do sertanejo, bem como suas frustrações a cada derrota.

A atividade foi desenvolvida em uma roda de conversa, e como os alunos já estavam mais envolvidos com a pesquisa, dispensamos o relato escrito e trabalhamos com o debate oral.

Os alunos relataram que “os coronéis estavam confiantes, porque o povo de fora sabia da fome que os nordestinos passavam” falaram também que “todo mundo sabe que o Nordeste é atrasado” e por isso “eles vieram com tudo”. Sobre a derrota, disseram que “a caatinga atrapalhou os soldados” e que “eles ficaram com muita raiva e tentaram, tentaram até ganhar”.

Assim posto, percebemos que os alunos compreendem a identidade nordestina construída pelas outras regiões do país, contudo, diante das respostas acerca da derrota, eles romantizam a guerra, ao entenderem que foi apenas a raiva de perder que desencadeou a insistência em destruir Canudos.

Diante disso, revisitamos os monumentos presentes na praça principal de Monte Santo; a estátua de Antônio Conselheiro, a réplica do canhão de Canudos, o busto do marechal Bittencourt e a placa de honra e mérito pelos serviços prestados em nossa região.

Em seguida, abrimos uma discussão com os alunos sobre as imagens, e pedimos que cada um falasse sobre elas. A primeira observação que eles fizeram foi “porque colocar a matadeira que matou tanta gente na praça da cidade”, mas não estranharam o fato do marechal Bittencourt que ordenou a morte de tanta gente ter um busto na praça. Sobre Conselheiro, a observação mais interessante foi “ele era louco, mas tentou ajudar o povo do sertão”.

Dessa maneira, percebemos as diversas vozes ideológicas presentes no texto. Os alunos, a partir do momento que têm contato com a obra, revelam a partir de sua memória afetiva, de suas experiências a sua ideologia. Entender como um processo natural a presença do marechal Bittencourt e se advém das interpretações de seus lugares de fala, que construíram no imaginário coletivo que os militares são heróis.

Conceber o título de “louco” a Conselheiro também faz parte do imaginário coletivo da cidade, e este título tem-se estendido a todos aqueles que lutam por causas coletivas, 66

sobretudo, as pessoas da Igreja Católica. Nesse sentido faz-se necessário manter este diálogo sobre as preferências identitárias sempre aberto impulsionando a leitura política dos textos literários.

A partir dessa roda de conversa, dialogamos com as bases sociais destes discursos e podemos mensurar as consequências ideológicas. Monte Santo vive sérios problemas. A maioria deles advém da falta de organização da sociedade civil, da ingerência da máquina pública e, principalmente, pela falta de consciência política das pessoas.

Assim, ler *Os sertões* com base no modelo cultural de leitura é uma tarefa do professor que deve estar preocupado em como o leitor está sendo formado criticamente. A defesa ao modelo cultural de leitura se dá como opção política de interpretação e dar visibilidade às questões identitárias por meio da recepção textual. (GOMES, 2012, p. 168).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é uma atividade de capital importância para a formação do sujeito. Diante das mazelas sociais presentes na atualidade, ter um olhar crítico sobre as coisas e o mundo se faz cada vez mais necessário. Nesse contexto, a leitura passa a ser uma importante ferramenta para o desenvolvimento da criticidade presente nos indivíduos. E foi pensando em aguçar o pensamento crítico dos nossos jovens que este trabalho apresentou considerações relevantes acerca do ensino de literatura na sala de aula relacionado com questões culturais e ideológicas.

A partir das teorias do ensino de literatura elencadas por Cereja, Umberto Eco, dos métodos de leitura de Rouxel e Gomes, esta pesquisa sugere uma proposta pedagógica para o ensino de literatura que perpassasse pelo letramento literário de Rildo Cosson, pela perspectiva dos multiletramentos de Roxane Rojo e o letramento digital de Freitas. Pretendemos através dessa proposta contribuir para o ensino de literatura das séries finais do ensino fundamental apresentando uma sugestão inovadora de leitura do texto literário com foco nas questões identitárias por meio das heranças culturais da Guerra de Canudos materializada na obra *Os sertões*.

Para essa concretização, foi elaborado um tutorial de leitura literária da obra *Os sertões*— que tem como objetivo contribuir para um ensino de literatura mais condizente com as relações sociais atuais e capaz de dialogar com as questões culturais identificando as vozes ideológicas presentes no texto.

A proposta de leitura do citado tutorial foi testada em sala de aula em uma pesquisa realizada em uma escola da rede municipal da cidade de Monte Santo, no Estado da Bahia. O tutorial foi elaborado com o intuito de promover a interpretação do texto literário voltado para as questões ideológicas. Soma-se a isso o fato de Monte Santo ter sido a segunda base de operações da Guerra de Canudos e sua história fazer parte da narrativa euclidiana.

Consideramos toda a obra importante para as discussões propostas neste trabalho, entretanto, escolhemos o capítulo *A luta*, por englobar os temas abordados nos capítulos anteriores, *A terra* e o *O homem*, respectivamente, reitera os aspectos da fauna e flora sertaneja, bem como a identidade do povo sertanejo ao narrar sua astúcia, seus medos e sua disposição para lutar.

Outro fator importante a ser considerado e que impulsionou a realização deste trabalho é a ausência dessa discussão no ensino fundamental, apesar de todo envolvimento histórico e

cultural em torno dessa obra, as escolas dessa modalidade de ensino não incluíram em seus currículos a discussão dessa obra.

Não obstante, a ausência desse debate naturaliza os estereótipos acerca da formação do povo do sertão. Por esse motivo, esta pesquisa se faz tão importante para o universo escolar da referida cidade, uma vez que os discentes serão estimulados a refletir sobre o tema e sobre a adoção de estratégias para se chegar a refletir sobre a construção de suas identidades e de suas raízes ideológicas.

No contexto escolar, dentre as nossas inúmeras experiências docentes, percebemos cotidianamente a não aceitação da própria identidade; os alunos renegam as suas origens e acabam praticando atitudes preconceituosas contra a sua própria história. Em virtude disso, a elaboração e a execução da proposta de leitura sugerida nesta pesquisa em sala de aula puderam contribuir para uma formação conscientizadora dos alunos a partir de suas origens.

O propósito do referido trabalho foi, assim, trazer para a sala de aula uma proposta de intervenção e uma posterior produção de um material didático que buscassem suscitar entre os alunos questionamentos a respeito de sua identidade, além de ajudar na formação da consciência crítica da identidade por meio da leitura do texto literário.

Assim posto, o referido tutorial de leitura, então, objetiva fazer com que os jovens desenvolvam suas competências em leitura do texto literário e dos textos culturais. Dessa forma, a construção desta metodologia de leitura, pelas oficinas de leitura, pode provocar debates em sala de aula e instigar os alunos a pensar no tema em questão.

É bom ressaltar que as etapas de trabalho com a leitura do texto literário desenvolvidas nas ações de intervenção tomaram como base o modelo *cultural de leitura* de autoria de Gomes. De acordo com esse autor, a prática cultural do ensino de literatura, por ser interdisciplinar, pode ajudar o jovem na formação de uma consciência crítica com relação aos preconceitos sociais nas sociedades modernas.

Partindo dessa premissa, este trabalho trouxe como sugestão metodológica uma prática escolar de ensino provocativa, que leva em consideração os elementos socioculturais da cidade de Monte Santo, com intuito de fazer com que os alunos de posse da beleza do literário, por meio da estética da narrativa euclidiana possa valorizar a sua história e defendê-la como produto histórico e cultural, permitindo que o processo de leitura na escola se torne uma “prática cultural de formação do leitor” (GOMES, 2014, p. 25).

Nesse sentido, a pesquisa desenvolvida na citada escola da rede municipal de ensino da cidade de Monte Santo – Bahia serviu para que seus estudantes refletissem 69

sobre as questões sociais e culturais presentes no imaginário coletivo da cidade, fato este que levou a eles o acesso às visões críticas em relação ao tema em questão. Assim, a criação do material didático intitulado Tutorial de leitura literária de *Os sertões* poderá ajudar os profissionais da educação que desejarem trabalhar de uma forma mais inovadora, consistente, plural e de acordo com os novos pressupostos teórico-metodológicos de ensino de língua portuguesa.

Foi nesse sentido que este trabalho propôs uma leitura crítica da obra *Os sertões*, fazendo um recorte do capítulo *A luta*, dando ênfase as quatro expedições a Canudos. Esta abordagem está voltada, enfim, para a conscientização dos estudantes acerca da importância de refletir sobre a sua própria história valorizando os aspectos culturais que o circundam.

## REFERÊNCIAS

- BENÍCIO, M. **O rei dos jagunços / chronica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos**; introdução Celso Silva Fonseca. – Ed. fac-sim. – Brasília: Senado Federal, 1997.
- BRANDÃO, A. **A sociologia d'os Sertões**. Rio de Janeiro, Artium, 1996.
- CALVINO, Í. **Por que ler os clássicos/ Ítalo Calvino**; tradução Nilson Moulin – São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 169-191.
- CEREJA, W. R. **Ensino de literatura: proposta dialógica para o trabalho com a literatura** – São Paulo: Atual, 2005.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro: Do leitor ao navegador**. SP: EDUNESP, 1998[1997].
- \_\_\_\_\_. Morte ou transfiguração do leitor?. In: CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002. P. 101-123.
- CHIAVENATO, J. J. **As lutas do povo brasileiro: do “descobrimento” a Canudos**. – São Paulo: Moderna, 1988.
- CITELLI, . **Roteiro de leitura: Os sertões de Euclides da Cunha**. 3º edição. São Paulo: Ática, 2000.
- CORREIA, A. A.; ANTONY, G. **Educação hipertextual: diversidade e interação como material didático**. In FIORENTINI, L. M. R.; MORAES, R. de A. (Orgs). **Linguagens e interatividade na educação a distância**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática** 2. ed., 8º reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.
- \_\_\_\_\_. **Círculos de leitura e letramento literário: teoria e prática** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- CUNHA, E. **Os sertões**. Edição especial, - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Os sertões. Campanha de Canudos**. São Paulo. Martin Claret. 2007.
- ECO, U. **Sobre a literatura**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Interpretação e superinterpretação**; tradução MF; revisão da tradução e texto final Monica Stabel. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos**. São Paulo:

Perspectiva, 2011.

FERREIRA, de C. F, ROSA, R., **Os sertões: a luta/Euclides da Cunha: adaptação** – Rio de Janeiro: Desiderata. 2010.

FONTES, O. C. **O treme-terra : Moreira César, a República e Canudos** – Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FREITAS, M. T. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 03, p. 335-352, dez. 2010.

GOMES, C. M. O modelo cultural de leitura. **Revista Nonada**, v. 1, n. 18, p. 167-183, 2012.

GOMES, C. M. (Org.). **Crítica cultural e estudos literários**. São Cristóvão: Editora UFS, 2016.

GOMES, C. M.; MENEZES, M. P; GOMES, Carlos Magno. **A leitura literária pelo horizonte dos estudos de gênero**. In: Gomes C. M. ; VIANNA, B. (orgs.). Ensino de Língua e Literatura: multimodalidade e hipertextos. – Aracaju: Criação, 2016. p. 163-186.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 5. ed. – Rio de Janeiro, 2001.

LÉVY, P. **Cibercultura**; tradução de Carlos Irineu da Costa. 3ªed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LIMA. L. C. **História. Ficção. Literatura** – São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Terra ignota: a construção de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

RESENDE, S. **Sertão, Sertões**. Documentário de disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8abo-r1UH9w>. Acesso em 15 de mai. 2018.

REZENDE, N. L. de. A formação do leitor na escola pública brasileira: um jargão ou um ideal?. In: ALVES, J. H. P. (Org.). **Memória da Borborema 4: Discutindo a literatura e seu ensino**. Campina Grande: Abralic, 2014, p. 37-54.

ROJO, R. A teoria dos gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e os multiletramentos. In: ROJO, R. (Org.). **Escol@ conect@d@: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola Editorial. 2013. p. 9-32.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia dos Multiletramentos: Diversidade cultural e de linguagem na escola**. Disponível em: <https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/portais/discente/discente/jsf>. Acesso em 21 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. **Hipertexto e cibercultura, publicidade, plágio e redes sociais**. São Paulo: Respel, 2011.



ROUXEL, A. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, Maria Amélia, REZENDE, N. L. de, JOVER-FALEIROS, Rita (orgs). **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013b. p 17-33.

\_\_\_\_\_. Autobiografia de leitor e identidade literária. Trad. Neide Luzia de Rezende. In: ROUXEL, Annie, et al. (orgs.). **Leitura subjetiva e ensino de Literatura**. São Paulo: Alameda, 2013a. p, 67-83

\_\_\_\_\_. O advento dos leitores reais. Tradução de Rita Jover-Faleiros. In: ROUXEL, A.; LANGLADE G.; REZENDE, N. L. (Orgs.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda. 2013, p. 191-208.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: o perfil do leitor imersivo**. São Paulo: Paullus, 2004.

SEVCENKO, N. **Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 3ª edição. São Paulo. Editora Brasiliense, 1989.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

XAVIER, A. C. Educação, tecnologia e inovação: o desafio da aprendizagem hipertextualizada na escola contemporânea. **Revista (Con)Textos Linguísticos** (Edição Especial ABEHTE), v.7, n. 8.1, p.42-61, 2013.

ZUAZO, N. CASTEDO, M. Reescrever, editar e remixar na era digital: novos conteúdos? In: **Revista Nova Escola**. nº 260. Ano XXVIII. 2013.

## ANEXO I - TERMO DE COMPROMISSO PARA COLETA DE DADOS EM ARQUIVOS

**Título do projeto:** Oficinas de leitura literária a partir de “Os sertões”, de Euclides da Cunha.

**Pesquisador responsável:** Alexandra Cardoso da Silva Duarte

**Orientador:** Dr. Carlos Magno Santos Gomes

**Instituição/Departamento:** Universidade Federal de Sergipe/ Unidade Itabaiana

**Telefones para contato:** (75) 992369053

A pesquisadora do projeto acima declara estar ciente das normas, resoluções e leis brasileiras as quais normatizam a utilização de documentos para coleta de dados identificados e na impossibilidade de obtenção do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), devido a óbitos de informantes assume o compromisso de:

- I. preservar a privacidade dos sujeitos, cujos dados serão coletados;
- II. assegurar que as informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do projeto em questão;
- III. assegurar que as informações obtidas serão divulgadas de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar os sujeitos da pesquisa.

Itabaiana, 06 de novembro de 2018.

NOME DA EQUIPE EXECUTORA	ASSINATURAS
Alexandra Cardoso da Silva Duarte	
Carlos Magno Santos Gomes	

## ANEXO II - TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

**Título do projeto:** Oficinas de leitura literária a partir de “Os sertões”, de Euclides da Cunha.

**Pesquisador responsável:** Alexandra Cardoso da Silva Duarte

**Orientador:** Carlos Magno Santos Gomes

**Instituição/Departamento:** Universidade Federal de Sergipe/ Unidade Itabaiana

**Local da coleta de dados:** Instituto de Educação Monte Santo

A pesquisadora do projeto “Oficinas de leitura literária a partir de “Os sertões”, de Euclides da Cunha” se compromete a preservar a privacidade dos sujeitos da pesquisa, cujos dados serão coletados por meio de questionários, utilizando gravações e filmagens. A pesquisadora também concorda com a utilização dos dados única e exclusivamente para a execução do presente projeto. A divulgação das informações só será realizada de forma anônima e sendo os dados coletados, bem como os Termos de Consentimento Livre Esclarecido e o termo de compromisso de Coleta mantidos sob a guarda do Programa de Pós-graduação em Letras Profissional em Rede, da Unidade de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade do professor Carlos Magno Santos Gomes. Após este período os dados serão destruídos.

Itabaiana, 06 de novembro de 2018.

NOME DA EQUIPE EXECUTORA	ASSINATURAS
Alexandra Cardoso da Silva Duarte	
Carlos Magno Santos Gomes	

### **Anexo III - Termo de consentimento livre esclarecido**

Eu, \_\_\_\_\_, aluno(a) do nono ano do ensino fundamental, da Escola Instituto de Educação Monte Santo, localizada no município de Monte Santo/BA, autorizo a professora Alexandra Cardoso da Silva Duarte a utilizar minha imagem e produções referente às atividades relacionadas ao projeto “Oficinas de leitura literária a partir de “Os sertões”, de Euclides da Cunha.”, desenvolvido pela mesma, em uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-graduação em Letras, junto à Universidade do Federal de Sergipe.

Estou ciente de que as produções serão despersonalizadas e minha identidade será mantida em sigilo.

Itabaiana, 06 de novembro de 2018.

\_\_\_\_\_

Assinatura por extenso (do aluno)

--

Como tenho menos de 18 anos, meu responsável legal também assina o documento.

Eu, \_\_\_\_\_, residente na cidade de Monte Santo, no Estado da Bahia, assino a cessão de direitos da produção do aluno acima identificado, desde que seja preservado o sigilo como manda o Conselho Nacional de Ética em Pesquisa, resolução 196/96 versão 2012.

Itabaiana, 06 de novembro de 2018.

\_\_\_\_\_

Assinatura por extenso (do responsável pelo aluno)

## **ANEXO IV - TUTORIAL DE LEITURA LITERÁRIA DE OS SERTÕES**